

FACULDADE DE TEOLOGIA DA IGREJA METODISTA

VIVER CAMINHANDO

por

Saulo Pinto da Silva

Monografia apresentada à Congregação da Faculdade de Teologia como um dos requisitos para a conclusão do curso de Bacharel em Teologia.

São Bernardo do Campo

1998.

Comissão Examinadora

A comissão, tendo examinado o presente Trabalho Final de Curso, o considera

Prof. Héleron Bastos Rodrigues

Orientador

Prof. Tércio Machado Siqueira

Co-leitor

Prof. Clóvis Pinto de Castro

São Bernardo do Campo, 1998.

DEDICATÓRIA

Ao Deus único e soberano;

À minha amada esposa Maria Angélica, agora companheira de ministério;

Ao meu amado filho Saulo Leandro, companheiro em todos os caminhos;

Aos meus pais Waldemar e Irene, incentivadores de minha jornada;

Dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai, por ser a fonte da vida;

A Jesus Cristo, como o Mestre dos Mestres, por ser a fonte de toda a graça;

Ao Espírito Santo, o Consolador; por ser a fonte de todo entendimento;

Aos Professores e Professoras, por sua dedicação ao ensino;

Aos funcionários da Faculdade de Teologia, pela disposição com que servem;

Aos amigos das Igrejas Metodistas de Volta Redonda, São Paulo e São Vicente;

Aos pastores que nos aconselharam e motivaram;

À minha esposa, filho, pais e amigos;

Muito obrigado!

Vocês me ajudaram a chegar até aqui.

CANÇÃO DA CAMINHADA

Simeí Monteiro

*Se caminhar é preciso, caminharemos unidos
e nossos pés, nossos braços sustentarão nossos passos.
Não mais seremos a massa, sem vez, sem voz, sem história,
mas uma Igreja que vai em esperança solidária.*

*Se caminhar é preciso, caminharemos unidos
e nossa fé será tanta que transporá as montanhas.
Vamos abrindo fronteiras onde só havia barreiras,
pois somos povo que vai em esperança solidária.*

*Se caminhar é preciso, caminharemos unidos
e o reino de Deus teremos como horizonte de vida.
Compartiremos as dores, os sofrimentos e as penas,
levando a força do amor em esperança solidária.*

*Se caminhar é preciso, caminharemos unidos
e a nossa voz no deserto fará brotar novas fontes.
E a nova vida na terra será antevista nas festas.
É Deus que está entre nós em esperança solidária.*

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	4
CANÇÃO DA CAMINHADA	5
SUMÁRIO	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - O CAMINHO, NA BÍBLIA	9
1.1. NO ANTIGO TESTAMENTO	10
1.1.1. <i>No Pentateuco</i>	12
1.1.2. <i>No Êxodo</i>	13
1.1.3. <i>A torah como o caminho de Deus</i>	14
1.1.4. <i>O caminho do homem e o caminho de Deus nos Salmos</i>	15
1.2. CAMINHO NO NOVO TESTAMENTO	19
1.2.1. <i>O Caminho Largo e o Caminho Estreito (Mt 7. 13-14)</i>	19
1.2.2. <i>Os Discípulos no Caminho de Emaús (Lc 24.15-35)</i>	21
1.2.3. <i>O Caminho sobremodo excelente – o Amor</i>	22
CAPÍTULO II - IGREJA CRISTÃ: ESTABELECE-SE OU CAMINHAR?	26
2.1. O QUE SIGNIFICA SER DO CAMINHO?	26
2.2. A INFLUÊNCIA DO CAMINHO DE QUMRÃ	29
2.3. OS DOIS CAMINHOS NO DIDAQUÊ	32
2.4. PAULO E O CAMINHO DA COMUNIDADE DE ANTIOQUIA.....	34
2.5. A IGREJA SE ESTABELECE NO CAMINHO DO POVO.....	39
2.6. BUSCANDO O CAMINHO NOS MOSTEIROS	401
2.7. O CAMINHO PARA AS PARÓQUIAS.....	434
CAPÍTULO III - O METODISMO: MOVIMENTO E CAMINHO	46
3.1. “EU ENCARO TODO O MUNDO COMO A MINHA PARÓQUIA” – UM CAMINHO PARA FORA DAS QUATRO PAREDES.....	46
3.2. SERMÃO DE WESLEY: O CAMINHO DO REINO.....	49
3.3. O CAMINHO EM ALGUMAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DA IGREJA METODISTA NO BRASIL.....	52
3.3.1. <i>O Tema do Caminho em alguns textos da “Voz Missionária”</i>	52
3.3.2. <i>O Tema do Caminho em alguns livros da Imprensa Metodista</i>	56
3.3.3. <i>O Tema do Caminho em alguns artigos do Expositor Cristão</i>	59
3.3.4. <i>O Caminho proposto para a Igreja Metodista no Brasil–O Plano para a Vida e Missão da Igreja</i>	63
CONCLUSÃO	67
BIBLIOGRAFIA	71

INTRODUÇÃO

Pareceu-nos de grande importância a descoberta do sentido bíblico e pastoral do termo “caminho”. Encontrar o caminho certo, o melhor caminho, o caminho em que haja luz, pode se constituir no grande propósito de vida em nosso ponto inicial, pois é apenas através de uma entrada pelo caminho correto que se pode prever a chegada no final esperado. Para nossa vivência cristã, este encontro pode determinar o avanço e a conquista de metas.

A Igreja e os Cristãos que nela se congregam, ao longo dos séculos não transitaram sempre pelos mesmos caminhos. Em um mundo que tão rapidamente se altera, que avança em um progresso impressionante, nós precisamos a cada instante nos apressar e, em muitos casos, mudar de rota, de estrada ou de meio de transporte. A Igreja que caminhava a pé, hoje “caminha” com veículos motorizados em alta velocidade, voa pelos ares em aviões ou, mais recentemente, caminha pelos caminhos da informática através da sua rede mundial, a Internet.

Neste trabalho de pesquisa, queremos argumentar se o povo de Deus é chamado a se estabelecer definitivamente em uma “terra santa” sem diálogo com

outras culturas de seu tempo, sem diálogo com outras confissões, ou se o seu chamado é para estar sempre em movimento, povo peregrino, indo ao encontro de todos e todas que vivem sem terem encontrado vida em abundância sob a graça de Deus. A expressão “caminho” é a metáfora que nos dá o principal argumento.

Este trabalho monográfico encontra-se dividido em três capítulos sendo trabalhados na seguinte seqüência de assuntos: no 1º capítulo, observamos o aparecimento do termo caminho no Antigo e no Novo Testamentos. Tentaremos descobrir diversos momentos nos quais a utilização deste termo, em sentido metafórico ou real, foi importante para o povo em sua trajetória de vida, sempre seguida pelo desejo de conhecer e agradar a Deus. No 2º capítulo, nossa visão ficou delimitada aos aspectos da Igreja Cristã nascente, algumas de suas primeiras definições quanto ao seu caminho e a influência recebida por parte de alguns outros grupos, em sua época de surgimento, que possuíam abordagens semelhantes aos primitivos Cristãos em relação a ter uma nova proposta de caminho para o povo. No 3º capítulo, finalmente, observamos o caminhar do movimento metodista, alguns dos aspectos e momentos que definiram seu caminho a partir do seu surgimento e alguns textos presentes no metodismo brasileiro, os quais vão revelando a evolução do pensamento cristão e metodista em relação à forma de construir o caminhar da Igreja.

Espero que esta pesquisa possa se constituir em colaboração para a Igreja Metodista pensar seu caminhar em seu esforço de cumprir sua missão de servir ao povo.

CAPÍTULO I

O CAMINHO, NA BÍBLIA

A Bíblia é o ponto de partida para nossa tentativa de analisar alguns dos diversos empregos do termo caminho. O termo caminho (hebr. *derek*, gr. *hodos*) é riquíssimo em seus variados sentidos. Encontramo-lo usado no Antigo e no Novo Testamentos em diversos sentidos metafóricos.

Antes de mais nada, pareceu-nos importante encontrar uma definição do que seja uma metáfora, uma vez que este trabalho foi motivado por esta importante figura de linguagem. Assim Nelson Kirst a define e mostra seus objetivos:

A metáfora tem por objetivo: encontrar uma maneira de descrever plasticamente uma realidade que, de outra forma, só encontramos descrita em termos abstratos(...)
Boas metáforas são aquelas que falam de coisas próximas, naturais, cotidianas (como as parábolas de Jesus); aclaram em vez de obscurecer; alegram em vez de entristecer; falam de coisas positivas e não de negativas; são precisas em vez de inexatas.¹

Neste trabalho também iremos encontrar as respostas para nossas indagações iniciais, observando os diversos usos metafóricos de caminho, os quais vão servindo de inspiração para que se determinasse o rumo em que deveria

caminhar o povo de Deus, compreendido aqui tanto o povo de Israel quanto a Igreja Cristã, e as dificuldades do povo em encontrá-lo e andar neste caminho.

1.1. No Antigo Testamento

Não são poucas as vezes nas quais aparece o substantivo hebreu *derek* no Antigo Testamento: “706 ou 710 vezes”.²

No Antigo Testamento, falar de caminho é o mesmo que falar de “pisada”, nos dando o sentido de “consolidado”, “feito” ou “marcado”. E foi a partir deste significado base que este termo assumiu diversos conceitos metafóricos e figurativos e não apenas o sentido geográfico-espacial. O pensamento religioso judaico se expressa através da observação do caminho do ser humano, sendo este constantemente comparado com a instrução dada por Deus para este caminhar. O que cabe ao homem é caminhar na justiça, expressando em sua vida um desejo profundo de seguir o mesmo caminho traçado por seu criador.

A principal ênfase do pensamento religioso bíblico, e do pensamento judaico posterior, não é o conhecimento de Deus, mas a imitação de Deus. Esta imitação deve ser tentada adotando-se o modo de vida justo chamado halakhah. A palavra tem sua raiz em “caminhar”. Halakhah significa, portanto, a forma pela qual caminhamos; essa forma leva a uma aproximação cada vez maior com os atos de Deus.³

Foi através desta ênfase do pensamento religioso centrado no ‘caminhar na justiça’ que as páginas da Bíblia, desde o Antigo Testamento, estão tomadas de histórias de vidas, de atitudes certas e de erros, de arrependimentos e

¹ KIRST, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Leopoldo. Editora Sinodal. 1985. pp. 114 e 115.

² BOTTERWICK, G. J. & RINGGREN, H.. *Theological Dictionary of the Old Testament Volume II*. Cambridge, U. K.. William B. Eerdmans Publishing Company. 1983. p. 276.

³ FROMM, Erich. *O Espírito de Liberdade*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1966. p. 144.

perdão. Nelas não existe a intenção de esconder a fraqueza humana e exaltar os supostos sucessos, mas sim de mostrar também os erros para que todas as futuras gerações saibam avaliar as falhas e os acertos relatados no caminhar dos antepassados, e encontrem o melhor caminho, sempre em relação à direção apresentada por Deus.

Dizer que o judaísmo não se centraliza em torno da crença certa, mas do comportamento certo, não significa dizer que a Bíblia e a tradição posterior não se tenham relacionado com o conceito de Deus.

Mas significa, isto sim, que na tradição judaica a existência de um Deus é a premissa para a prática do caminho. A tarefa do homem é viver e agir de forma adequada, e com isso tornar-se semelhante a Deus.⁴

A meta que vai sendo traçada pelas páginas do Antigo Testamento é a de encontrar os homens e mulheres que andaram pelo caminho certo. O primeiro homem a conseguir caminhar da forma mais almejada não poderia ter tido esta forma de andar descrita de modo mais simples e objetivo: “andou Enoque com Deus, e já não era, porque Deus o tomou para si” (Gn 5.24). Vamos procurar entender esta forma de caminhar, e como encontrar este caminho, inicialmente através de alguns livros e textos do Antigo Testamento.

O Caminho do homem, na verdade, abrange toda a sua vida, suas experiências, seus sucessos ou suas dificuldades. Ao tentarmos observar o aparecimento do termo caminho e suas diferentes utilizações no A. T. poderemos descobrir toda a importância dada para os atos humanos que constroem, deixam marcas e encaminham sua vida e seu destino.

⁴ Idem, p. 150.

1.1.1. No Pentateuco

Nos cinco primeiros livros do Antigo Testamento é surpreendente o uso do termo caminho, suas utilizações metafóricas podem ser entendidas com maior facilidade quando percebemos que estas andam muito próximas da própria realidade dos homens e mulheres que se movimentavam constantemente à procura do melhor lugar, do caminho menos perigoso e ao mesmo tempo, descobrir o caminho que mais agradasse ao Deus criador.

Uma primeira sensação que se tem ao ler o Pentateuco é a de que o ser humano está em contínuo movimento. Sua “instalação” original na terra cultivável (o gan de Gn 2.15) é provisória. Desde sua expulsão desse lugar, está sempre em marcha, como exilado (3.23-24) ou como errante (4.12b-14), ocupando territórios (Gn 10) ou formando cidades (11.2).⁵

Vimos que o Pentateuco contém um grande conjunto de caminhadas e nas caminhadas está embutido o desejo de encontrar, de buscar ou de conquistar algo que não se tem: a liberdade, a posse da própria terra, o conhecimento e adoração do Deus nacional e não dos deuses de outras nações. Ao mesmo tempo que se busca no caminho um lugar visível, paupável e real para se viver, caminho vai aparecendo no Pentateuco como uma metáfora que indica a busca de agradar ao Deus de Israel.

Nossa observação, então, recai sobre o texto de Gn 6.12, quando a corrupção moral da humanidade é descrita nestes termos: “toda carne seguia um caminho perverso”. Neste caso, são os atos perversos dos homens e mulheres que vão construindo o seu caminho. A palavra *perversão* (Do lat. *perversio*, *ossis*)

⁵ CROATTO, José Severino. “O Propósito Querigmático da Redação do Pentateuco”, in: *Ribla n° 23*.

significa: “Ato ou efeito de perverter; mudança de bem para mal; desvio de uma função normal”⁶. Portanto, o caminho perverso é a mudança de rumo da criação humana do bem para o mal. O texto está nos informando que toda a carne, isto é, homens e mulheres, seguiam um caminho perverso contrário ao planejado pelo criador, a perversão estava na violência: “a terra estava corrompida à vista de Deus, e cheia de violência” (cf. Gn 6.11). No texto, a violência não está especificada; mas não devia restringir-se à violência física; as marcas do caminho perverso deveriam estar também na existência da pobreza e nas injustiças praticadas contra os pobres.

Parece-nos claro que o escritor do livro de Gênesis utilizou como sinônimas as expressões: “todo desígnio do seu coração” (v. 5); com “caminho perverso” (v. 12). E o Deus de Israel não aceita a perversidade de nenhuma de suas criaturas em todo o universo criado por Ele.

1.1.2. No Êxodo

A partir do texto de Êx 3.18b - “agora, pois, deixa-nos ir caminho de três dias para o deserto, a fim de que sacrifiquemos ao Senhor nosso Deus” - a expressão caminho assume seu sentido geográfico e metafórico. O caminho do deserto para fora da terra do Egito é concreto, um difícil caminho que exigirá do povo coragem, esforço físico e esperança de encontrar uma nova terra. “O Êxodo é um gesto de libertação, mas não a posse da liberdade. A “saída” do Egito é o primeiro passo que leva à “entrada” na terra prometida”.⁷

Por isto a história do Êxodo será uma descrição do caminho geográfico

Petrópolis. Editora Vozes & São Leopoldo. Sinodal. 1996. p. 8.

⁶ *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*, vol. V, Verbete “perversão”, Rio de Janeiro. Bloch Editores. 1972. p. 1263.

⁷ CROATTO, J. Severino. *Êxodo – Uma Hermenêutica da Liberdade*. São Paulo. Paulinas. 1981. p.

que um povo irá trilhar, caminho difícil pelo mar e pelo deserto; e também é uma demonstração de que um povo somente poderá ser dignamente chamado de povo de Deus se os seus atos estiverem de acordo com o “caminho” que Deus vai orientando através de um líder escolhido.

Em Êxodo 32.8 nós lemos: o povo “depressa se desviou do caminho que eu lhes ordenei, e fizeram para si um bezerro de fundição”. Não se refere ao caminho ordenado para ser transcorrido pelo deserto, mas sim ao caminho do culto e adoração exclusivos a Javé.

1.1.3. A Torah como o caminho de Deus

Enquanto em Gênesis se fala de um caminho de justiça dos homens e mulheres, criados por Deus, para com os seus semelhantes, em Êxodo, sob o ponto de vista mais sacerdotal, fala-se do caminho de um povo chamado à adoração ao único Deus verdadeiro. Esta intenção irá culminar com a apresentação da Torah como o verdadeiro caminho instituído por Deus, pelo qual somente aquele que nele corretamente caminasse, guardando todos os seus preceitos, poderia permanecer com a vida.

O termo hebraico torah tem um sentido mais amplo e não tão estritamente jurídico como o grego nomos (lei) com que os Setenta o traduziram. Designa um “ensinamento” dado por Deus aos homens para regular sua conduta.⁸

Com o avanço de um povo pelo deserto e suas primeiras vitórias e mesmo dificuldades que iam aparecendo, tornava-se necessário uma organização

20.

⁸ LÉON-DUFOUR, Xavier., (editor). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis. Editora Vozes. 1972. p. 513.

maior nos mais diversos aspectos que possibilitem a transformação de um povo em nação. Desta forma, o Antigo Testamento vai continuar e ainda reforçar a sua ênfase religiosa quanto à necessidade de observar a conduta certa e andar nos caminhos de Deus.

Assim, a revelação da Torah pode ser visto como a explicitação destes caminhos de Deus e seu cumprimento deverá ser a meta magna daqueles homens e mulheres que desejarem amar e servir ao Deus que libertou o povo.

A natureza da lei judaica é muito evidente no significado da palavra torah, “direção”, “instrução” e “lei”. A Torah é uma lei que dirige o homem para que imite Deus, instruindo-o na ação certa.⁹

A Torah recebe a denominação de “caminho de Deus” em grande parte da literatura sapiencial e especialmente nos Salmos. Isto é o que estaremos verificando na seqüência deste trabalho.

1.1.4. O caminho do homem e o caminho de Deus nos Salmos

No livro dos Salmos, é destacada a comparação entre o “caminho do homem” e “o caminho de Deus”. “O salmo é a expressão de uma luta, um movimento, um processo ativo que ocorre no íntimo da pessoa”.¹⁰

Por isso, este tema do caminhar na justiça e assim estar no caminho de Deus, vai ocupando com tanto destaque diversos dos poemas do saltério. Dentre os grandes motivos de inspiração para os compositores dos salmos, vê-se claramente que estava a observação da vida e dos caminhos dos homens e

⁹ FROMM, Erich. *O Espírito de Liberdade*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1966. p. 150.

¹⁰ Idem, p. 165.

mulheres que praticavam a justiça.

Na verdade, o resultado concreto da religião só está presente quando as teorias, as crenças e as leis, são experimentados e vividos, no que se reflete em frutos para a própria pessoa e para toda a comunidade.

Os salmos também são poesia. Com eles, o crente ou a comunidade professa suas crenças, expressa seus sentimentos espirituais, incita-se à ação; as três coisas, atos religiosos, podem fundir-se na palavra poética, no poema.¹¹

Embora sejam considerados poesia, os salmos encontraram a sua força e razão de ser também como anunciadores de modelos de conduta e como incentivadores dos que, dentre o povo, desejavam conduzir-se pelo caminho melhor, o qual veremos especificado à medida em que verificarmos o contexto da utilização deste termo nos diversos salmos.

O salmo primeiro possui valores que assumem grande importância, especialmente por terem sido colocados, talvez não ocasionalmente, na abertura do saltério. “Considero esse salmo uma composição tardia, elaborada para ser anteposta à compilação final do saltério. Onde brotam valores contextuais que convém sondar”.¹²

A definição do caminho dos justos e dos pecadores e a meditação na lei do Senhor, são os valores destacados neste primeiro salmo. Mostrar como os justos alcançam a felicidade também deverá ser um dos principais objetivos de todo o saltério.

Felicitar pode expressar um desejo, como por exemplo, num aniversário; pode ser enunciado: feliz tu que

¹¹ SCHOKEL, L. A. & CARNITI, C.. *Salmos I – (Salmos 1-72)*. São Paulo. Paulus. 1996. p. 66.

¹² Idem, p. 123.

conquistaste... Em ambos os casos implica um juízo de valor. A felicitação não é mandato, como a Torah, nem súplica, como a Tepilla. No Sl 1 é um enunciado de valor: evitar o caminho dos pecadores é um valor, meditar a lei do Senhor é um valor. Todo o saltério fica assim inscrito, de algum modo, nesse enunciado inicial e programático.¹³

Portanto, o uso de caminho como uma metáfora que engloba toda a vida e prática do ser humano, desde seu nascimento até seu fim, foi motivadora para muitos dos temas transmitidos até nós pela poesia dos salmos e em especial neste primeiro salmo. É muito bom quando um enunciado apresenta uma boa meta e se propõe a mostrar o caminho pelo qual se chegará a este objetivo. No caso do saltério a meta é a felicidade, a bem-aventurança dos justos; e o caminho está na meditação da lei do Senhor. “O saltério se introduz também como um bom caminho, afastado do caminho dos malvados. Eles têm um desígnio em seu caminho, o honrado tem a Torah do Senhor no seu”.¹⁴

No Salmo 37, o autor percebe que está sendo necessário refazer todo o processo libertador iniciado no Êxodo. Sendo assim, ele percebe neste Salmo uma repetição da seqüência da história da saída do Egito, do caminho no deserto e a entrada na terra prometida. Isto irá significar que foi apenas aparente a conquista da terra e a libertação dos opressores, na verdade, o caminho para a conquista da liberdade e da justiça sempre estará à frente, desafiando o povo e isto em todos os tempos.

Pela ação do Senhor, os oprimidos e despossuídos poderão de certa forma refazer o processo fundacional de libertação:

Sair de: o Senhor “levará” adiante “sua justiça” e direito (v. 6); ele os livra e salva (v. 40).

¹³ Ibid, p. 124.

¹⁴ Ibid; p. 126.

Caminhar: pelo caminho do Senhor (v. 35), que os apóia (v. 17), “o Senhor assegura os passos do homem, ocupa-se de seus caminhos” (v. 23). O homem deverá “encomendar o seu caminho ao Senhor” (v. 5), que é o caminho empreendido, sua direção correta e final, seus azares e destino. “Com a lei do seu Deus no coração, seus passos não vacilam (v. 31).

*Entrar: como o povo já habita na terra, usa-se outro verbo, *rwm* (vizinho a um dos clássicos, *’lh*) “te levantará para possuir uma terra” (v. 34).*

A conclusão da entrada é a posse, centro unificador e gerador do salmo.¹⁵

Após a leitura e análise destes textos do Antigo testamento chegamos à conclusão de que está bem fundamentado o pensamento de que o Senhor possui um caminho nesta terra. Este é feito por sua palavra, especialmente pela Torah, que deve ser seguida de forma a orientar o povo neste caminho sendo esta a única forma para levar este povo à sua libertação dos opressores e à posse definitiva da terra.

O uso da metáfora do caminho pelos escritores bíblicos assumiu grande poder coercitivo na formação do ideal de vida e prática do povo. O uso da expressão “caminho”, como pudemos observar, preparava os leitores e ouvintes da palavra para uma seqüência de ensinamentos que poderia até ser longa, poderia possuir diversos momentos difíceis e perigosos para cumprir ou mesmo entender, mas que, se bem compreendida e seguida levaria ao fim almejado.

Os escritores do Novo Testamento também iriam se aproveitar da força desta metáfora para conduzir o povo a uma nova forma de expressão da fé em Deus.

¹⁵ Ibid; p. 534.

1.2. Caminho no Novo Testamento

No Novo Testamento encontramos o termo “caminho”, em grego *hodos*, mais uma vez, como no Antigo Testamento, tanto em seus diversos sentidos metafóricos quanto geográfico-espacial. A verdade é que a diversidade de usos deste termo, como já havíamos visto no A. T. e agora poderemos ver brevemente no N. T., nos demonstra sua força para comunicar diversas experiências do povo e para inspirar este povo a grandes realizações. Escolhi três diferentes passagens do N. T. para analisarmos. Para não se tornar extenso demais, não foi possível a escolha de outros textos para nossa observação. Dois textos (Mt 7.13-14 e a de 1 Co 12. 31), considere importantes quanto à utilização de “caminho” no sentido metafórico; e no que se refere aos dois discípulos no caminho de Emaús (Lc 24.13-35), a importância é tanto metafórica quanto geográfico-espacial. Muitas outras vezes, e com grande relevância, aparece o termo caminho no N. T.; porém, fomos obrigados a nos limitar à análise só destes três momentos.

1.2.1. O Caminho Largo e o Caminho Estreito (Mt 7. 13-14)

Este uso metafórico do termo caminho, dividido em dois e apresentado como questão de vida ou morte o estar no caminho certo, está presente não só nestas palavras de Jesus, colocadas no Evangelho, mas já era inspiradora de diversas tradições religiosas antigas, como vimos em parte do Antigo Testamento e ainda veremos mais à frente neste trabalho. O uso estava presente em outras comunidades, como a dos essênios de Qumrã, ou inspiravam os ensinamentos para os primitivos cristãos, conforme se encontra na Didaquê.

O sermão da montanha termina retomando a imagem dos dois caminhos, célebre na tradição bíblica (cf. Sl 1). A nova justiça está no andar pelo caminho da vida, revelado

*pelos ensinamentos de Jesus. Mas, este caminhar é sempre baseado num ato de discernimento”.*¹⁶

O contexto de Mt 7.13,14 é claramente o de finalização do sermão do monte. É importante observarmos que há uma relação muito profunda entre o conteúdo do ensinamento do sermão de Jesus no monte (o qual em Lucas é chamado de sermão da planície, mas aqui não iremos discutir esta diferença, pois não se relaciona a este trabalho), e sua conclusão com a metáfora dos dois caminhos. Referindo-se à existência destas imagens presentes na idéia de dois caminhos diferentes, especialmente na dificuldade de andar por um caminho estreito, certamente vinham à mente da comunidade de Mateus o entendimento de que seria exigido esforço e disposição, durante toda a vida, para cumprir-se todos aqueles profundos ensinamentos.

*É mister todavia observar que o intuito de Jesus não é tanto chamar a atenção para o confronto numérico entre os que se salvam e os que se condenam – mistério para o qual não quis dar uma resposta clara (cf. Lc 13. 2,3) – mas estimular seus discípulos para não desanimarem diante da dificuldade do ideal por ele proposto e para não se deixarem aliciar pela senda cômoda da mediocridade e do vício.*¹⁷

A questão da quantidade perde lugar para a ênfase na qualidade dos seguidores de Jesus. Esta qualidade se faz perceber pelo esforço e fidelidade no cumprimento dos ensinamentos do Mestre os quais podem ser comparados com um caminho estreito do qual se pode perder o rumo caso não seja seguido com profunda dedicação.

¹⁶ GORGULHO, G. & ANDERSON, A. F.. *A justiça dos pobres – Mateus*. São Paulo. Paulinas. 1981.

1.2.2 – Os discípulos no Caminho de Emaús (Lc 24.15-35)

Este texto, sem dúvida, possui uma grande força para todos os discípulos de Jesus, tanto os novos quanto os antigos, como no caso dos personagens descritos por Mateus no seu Evangelho. Esta história que fala de discípulos que caminhavam e foram encontrados por Jesus em seu caminhar, consegue retratar muito de nossa experiência e de nosso desejo de que o Mestre nos oriente enquanto estivermos a caminhar.

Cristo sai ao nosso encontro no caminho de nosso viver diário. Este caminho – nossa realidade – está cheio de poças e de lama; é infestado de ladrões e de opressores. Muitas vezes é um caminho solitário e sumamente aterrador. Por este caminho, multidões de homens e de mulheres arrastam suas correntes e gemem de dor¹⁸.

Esta passagem, do encontro do Senhor ressurreto com dois de seus discípulos no caminho de Emaús, merece toda a nossa atenção, uma vez que, aqui, o caminho representa toda a realidade dos momentos de medo e desânimo que qualquer discípulo do Senhor pode sentir em meio aos problemas que são passíveis de ocorrer durante o cumprimento do projeto de caminhada cristã. Quando pensamos naqueles discípulos que caminhavam à noite, desorientados, seguindo o caminho de volta para a aldeia natal e estando frustrados – pois um grande projeto de vida, o messias Jesus, havia sido desfeito – certamente não podemos deixar de pensar na nossa própria história de vida e no projeto que nós temos assumido, o de sermos hoje discípulos de Jesus.

Esta relação que deve existir entre Cristo e o crente no caminho, que, amiúde, se chama de “discipulado”, se

¹⁷ LANCELOTI, Angelo. *Comentário ao Evangelho de São Mateus*. Petrópolis. Editora Vozes. p. 81.

¹⁸ COOK, Guilherme. *Evangelização é Comunicação*. Belo Horizonte. Editora Betânia. 1980. p. 152.

impõe também na evangelização. Estar num caminho implica estar em movimento, de um lugar para outro. Portanto, ser discípulo de Jesus não é simplesmente “sentar-se aos pés de Jesus” para aprender dele. O discipulado não é uma condição estática nem acabada. Ser discípulo de Jesus significa caminhar com ele e estar onde ele está com todos os riscos que isto implica¹⁹.

O encontro dos discípulos com Jesus no caminho de Emaús foi um momento de serem resgatados e chamados para o retorno ao caminho e compromisso com a missão. O caminho agora não deve ser mais Emaús, pois este lugar está representando a volta à busca de se cuidar unicamente da rotina do viver, mas é Jerusalém e a comunidade dos discípulos. O caminho agora é o retorno ao chamado para o discipulado, onde se aprende cada dia mais à medida que se caminha ao lado do Mestre; é a volta para o caminho do compromisso com os ensinamentos e para ensinar o que já se aprendeu, fazendo novos discípulos, seguidores de Jesus, de todas as nações.

1.2.3. O Caminho sobremodo excelente – o Amor

Em 1 Co 12.31b, Paulo relaciona o assunto tratado anteriormente em sua epístola, acerca dos dons espirituais, com a busca de um caminho. A Igreja de Corinto procurava o melhor modo de expressar sua religiosidade e pensava tê-lo encontrado nos cultos repletos de manifestações carismáticas. Esta boa intenção, desprovida de profundidade e de maior conhecimento de Deus foi percebida pelo apóstolo, o qual tentou guiá-los pelo “caminho sobremodo excelente”. O uso do termo caminho em sentido metafórico neste texto é de grande importância, pois expressa que será apontado o melhor modo para agradar a Deus.

¹⁹ Idem, p. 152.

É claro que o princípio fundamental da moral vetero-testamentária e da moral judaica fica absolutamente imutável: o cristão, como o israelita e o judeu é, por definição, um homem que sabe o que agrada a Deus e o cumpre. A sua conduta (peripatein) é conforme a vontade de Deus, porque “agradar a Deus” significa essencialmente cumprir a sua vontade, ou mesmo, segundo a fórmula bíblica: “fazer a vontade”, “conhecer a Deus” etc. Tanto a nova religião, como a antiga, é concebida como uma “via” (hodos), de modo que este termo se tornará apropriado para designá-la²⁰.

Tanto *derek* no A. T., quanto *hodos* no N. T., assumiram uma grande força para expressar o desejo de caminhar fazendo a vontade de Deus. Se no A. T. o caminho perfeito é a Torah, no N. T. o caminho que agrada a Deus é aquele que é feito em amor. A comunidade de Corinto estava correndo o risco de traçar um caminho diferente daquele proposto pelo Apóstolo, ao indicar uma série de manifestações ditas espirituais ou carismáticas para determinar quais de seus membros estavam no caminho de Deus. Usar esta forma tão subjetiva para orientar o caminho de uma comunidade cristã certamente poderia dirigi-la para extremismos. Esta comunidade não percebia que suas ênfases apresentava um certo perigo, pois a exigência do amor deveria merecer a atenção principal acima dos dons, enaltecendo apenas das pessoas que os detivessem.

A primeira novidade do cristianismo consistirá no determinar esta vontade de Deus. Para o judeu, esta vontade é inteiramente determinada pelos mandamentos da lei, tais como são consignados no código mosaico e aos quais a tradição acrescentou uma série de preceitos para garantir-lhe melhor a completa observância. Para o cristianismo, esses mandamentos se reduzem a um só preceito que compreende todos os outros: “amarás o teu próximo como a ti mesmo”²¹.

²⁰ LYONNET, Stanislas. *A Caridade Plenitude da Lei*. São Paulo. Edições Loyola. 1974. p. 39.

²¹ Idem, p. 40.

O cristianismo conseguiu discernir a essência da vontade de Deus, percebendo sua presença no amor ao próximo como concretude do amor a Deus. O que se torna pertinente para nós é a percepção de que o amor se tornou um caminho para o qual se poderia propor o chamamento de todo o mundo.

Mais uma vez, quando o texto bíblico menciona que será mostrado um caminho – e que agora este deve ser definido como o “caminho sobremodo excelente” – podemos nos preparar para algo que possui algumas destas características semelhantes às do “caminho estreito”: deve trazer algumas dificuldades, exigir algum tipo de esforço, além de decisão, coragem e fidelidade para entrar por ele e ir até o fim.

Para que a vida, em qualquer de suas esferas, tenha valor, proveito ou significação, é de absoluta necessidade que seja informada pelo amor. Sem o amor nenhum dom poderá ser bem empregado. Sem ele a profissão da fé cristã não passa de pretensão, o serviço na Igreja é infrutífero. Sem ele todas as relações da vida são imperfeitas, todas as suas atividades carecentes de motivo, fúteis e ocas. No sentido mais profundo, deixar de amar é deixar de viver, é extinguir-se(...) Pode ser difícil definir o amor; discerní-lo ou descobri-lo é que não o é. Paulo não ensaia nenhuma definição, análise ou descrição dele. O que faz é traçar-lhe os movimentos, a ação. Mostra o que o amor faz e sente, assim também o que foge de fazer.²²

O Apóstolo detalha as diversas ações presentes onde há amor, nos sendo permitido, mais uma vez, termos uma visão do caminho estreito do cristão através deste cântico do amor. Podemos compreender que a intenção não era a de que o caminho proposto ao Cristão passasse a ser visto simplesmente como fácil de seguir; pois andar em amor segundo o cântico de 1 Co 13 é algo que vai nos custar

²² ERDMAN, Charles R.. *Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios*. São Paulo. Casa Editora Presbiteriana. 1956. p. 114.

muita dedicação. Porém, na verdade também passamos a vê-lo como a um caminho frutífero tanto para nós quanto para os que encontramos ao caminhar por ele, o amor é um caminho agradável de se seguir e que seguimos com alegria, apesar dos grandes desafios para andar e perseverar nele.

Poderemos verificar, ainda neste trabalho, que a partir do momento em que o cristianismo começou a se definir e a estruturar suas doutrinas que o seu “caminho excelente de salvação” não correspondia a todas as exigências do judaísmo e de seu “caminho perfeito” conforme a Torah. O resultado é que o cristianismo passou a ser considerado uma seita dentro do universo religioso judaico e não somente isto, mas também aceitou para si mesmo esta designação em relação a todas as outras tendências políticas e filosóficas de sua época, pois considerava que sua mensagem era de um caminho melhor do que todos os outros já anunciados anteriormente e, por este, valeria a pena deixar todos os outros caminhos para segui-lo até o fim.

CAPÍTULO II

IGREJA CRISTÃ: ESTABELECECER-SE OU CAMINHAR?

Como a Igreja interpretou as mensagens do Antigo Testamento, de Jesus Cristo, dos Apóstolos e dos demais líderes primitivos para se desenvolver e determinar qual o seu caminho? Isto é o que tentaremos determinar neste capítulo.

2.1. O que significa ser do caminho?

Antes de se impor no mundo por seu crescimento numérico e aceitação por parte de alguns governantes, a pequena comunidade surgida no seio do judaísmo ainda não se definira totalmente entre ser uma seita totalmente desligada do judaísmo ou mais um movimento messiânico judaico. Os discípulos aceitavam ser chamados de “os do caminho” (cf. At 9.2), este caminho que a comunidade cristã seguiu e o que a influenciou até chegar a ser Igreja e Instituição do mundo secular.

É certo que, para o povo judeu que acompanhava o surgimento daquele novo movimento chamado “do caminho”, este nada mais deveria significar do que o surgimento de uma nova “seita” (cf. At 24.14). “Chamar o cristianismo primitivo de seita significa que ele foi um movimento marginal dentro de uma cultura

coerente que se definia religiosamente”.²³

No início do movimento Cristão, foi preciso assumir o desafio de acreditar-se em uma nova proposta de vida diferente da que estava sendo aceita pela maior parte do mundo. Ser Cristão significava ser diferente, andar por trilhas jamais seguidas, tanto no mundo judaico, quanto no mundo helênico.

*Recentemente, alguns sociólogos tentaram desenvolver uma tipologia mais abrangente de seitas definindo-as, não as contrapondo a uma “Igreja”, mas ao “mundo” – ou seja, definindo sua relação tanto para com as estruturas sociais da sociedade a seu redor como para com a cultura ou o “universo simbólico” dessa sociedade. As seitas podem ser, assim, identificadas tanto em termos das fronteiras que mantêm entre seus membros e a sociedade dominante como em termos de suas atitudes para com o mundo.*²⁴

Naquele ambiente em que o cristianismo surgiu, parece mesmo que o pequeno grupo percebeu a existência de apenas duas alternativas: ou se assumia como “outro caminho” e seita, e assim se impunha como nova opção de vida, fé e prática para o mundo de seu tempo, enfrentando todo o tipo possível de ódio e perseguição pelos grupos já instituídos; ou se acovardava e deixava-se incluir nas maiores forças religiosas, políticas e filosóficas existentes. A todo o custo, e com a intenção de dar a própria vida se fosse preciso, a comunidade Cristã primitiva assumiu sua mensagem e lutou para se impor como o único caminho certo que deveria ser ensinado e no qual todos em todo o mundo deveriam escolher por caminhar.

A palavra seita origina-se no vocábulo latino sequi, seguir. (...) Procurou-se traduzir por este termo a palavra

²³ MEEKS, Wayne A.. *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos*. in: *Bíblia e Sociologia*. São Paulo. Paulus. 1996. p. 89.

²⁴ Idem, p. 90.

grega hairesis, também traduzida por escolha, preferência ou tomar partido. Vem daí o nosso termo “heresia”. Portanto, a palavra “seita” tem a ver, há muito tempo, com escolhas que dividem a comunidade.²⁵

O apoio a novas seitas e a tomada de novas decisões e escolhas por parte de um povo que sempre manifestou seu orgulho por sua nação e, especialmente no caso de Israel, da sua religião, revelam que nem tudo estava indo de acordo com o pensamento popular, algo estava errado na prática religiosa das autoridades. Na verdade, uma série de problemas, mudanças e aparentes desvios de rumo vinham ocorrendo dentro do contexto existente da religião judaica o que vinha despertando estes novos movimentos, as chamadas “seitas”.

Se nos perguntarmos, pois, sobre os contextos em que se interpretaram as grandes tradições morais de Israel, deveremos ser sensíveis quer à variedade dos diferentes lugares, quer às fortes correntes de mudança que estavam ocorrendo precisamente no período em que estava tomando forma a seita messiânica peculiar que havia de se tornar o cristianismo.²⁶

Muitas marcas ficaram no coração de parte povo de Israel que viam suas tradições primitivas sendo transformadas pela ação e influência de outras nações e culturas. O sentimento era de que o “caminho” da religião nacional não estava sendo o “original” instituído por Deus e a busca por direção correta era uma das grandes ansiedades para o povo.

Existiam outros grupos dentro da sociedade judaica que possuíam estas mesmas características semelhantes ao nascente cristianismo e que

²⁵ SANTA ANA, Julio. *Igreja e Seita: Reflexões sobre esse Antigo Debate*. in: *Estudos de Religião* 8. São Bernardo do Campo. n° 8, ano VI, outubro de 1992.

²⁶ , MEEKS, Wayne A.. *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos*. in: *Bíblia e Sociologia*. São Paulo. Paulus. 1996. p. 61.

apresentavam uma proposta de caminho que agradava a Deus em meio à conjuntura, de domínio estrangeiro na Palestina. Vejamos:

2.2. A influência do caminho de Qumrã

O grupo que mais se assemelhou ao movimento dos primitivos Cristãos foi o grupo dos essênios de Qumrã. Este grupo surgiu da insatisfação quanto ao caminho tomado pela nação após a vitória dos Macabeus.

O sucesso dos macabeus em libertar o Templo, e depois a terra, do domínio pagão acrescentou uma façanha histórica (...) às tradições permanentes da maioria dos judeus. No entanto, para alguns logo se tornou amargo o fruto da vitória, quando essa família (...) primeiro se apossou do sumo sacerdócio e depois também começou a se chamar de reis.²⁷

A situação foi interpretada como uma vitória das forças malignas e tornava-se necessário empreender uma busca para reencontrar o “caminho” das tradições antigas à qual esta família, embora reconhecida por seus atos heróicos, não pertencia. Este caminho parecia estar longe de ser recuperado caso fossem usadas apenas as forças convencionais, o retorno deveria ser orientado por um “Mestre de Justiça” que Deus levantaria para guiar o povo.

Este grupo, “voluntários de Deus” ou “devotos da Verdade”, retirou-se para o deserto perto do litoral oeste do mar Morto. Após cerca de vinte anos, durante os quais “eles eram como cegos tateando em busca de caminho”, escreveu um deles mais tarde, Deus “suscitou-lhes o Mestre de Justiça para guiá-los nos caminhos de Seu coração” (CD 1.10-11).²⁸

A idéia de “dois caminhos” está presente na base da formação da

²⁷ Ibid, p. 68.

²⁸ Ibid, p. 68.

comunidade de Qumrã. Antes mesmo que aparecesse o esperado Mestre, já existiam as “Regras da Comunidade”, definindo o que lhes seria ensinado pelo referido instrutor. Sendo que o destaque do ensino é a diferença entre o “caminho da luz” e o “caminho das trevas”, o primeiro é orientado por um espírito da verdade e o segundo por um espírito da falsidade.

O Mestre instruirá todos os filhos da luz, ensinando-lhes a natureza de todos os filhos dos homens de acordo com a espécie de espírito que eles possuem, os sinais que identificam suas obras durante o tempo de sua vida, sua visitação para castigo e o tempo de sua recompensa. Do Deus do conhecimento vem tudo o que é e será. (...) Ele criou o homem para governar o mundo, e lhe indicou dois espíritos nos quais andar até o tempo da visitação: os espíritos da verdade e da falsidade. Os nascidos da verdade nascem de uma fonte de luz, mas os nascidos da falsidade nascem de uma fonte de treva. Todos os filhos da justiça são governados pelo Príncipe da Luz e andam nos caminhos da luz; mas todos os filhos da falsidade são governados pelo Anjo das Trevas e andam nos caminhos das trevas. (1QS 3.13-21)²⁹

Assim, vemos que os temas do “novo caminho”, diferenciando do caminho deturpado ou caminho das trevas, é marca presente na chamada “seita essênica de Qumrã” e também o será nos grupos que surgiam no seio do judaísmo, todos com vontade de encontrar “o caminho” feito por Deus e que levaria o povo escolhido, mas desviado, de volta a Ele.

A mensagem dos primeiros cristãos não deveria estar muito afastada de alguns dos princípios dos movimentos que anunciavam outro caminho dentro do judaísmo. O Apóstolo Paulo teve sua preparação inicial para seu ministério após sua conversão no caminho de Damasco, junto a grupos de Cristãos que viviam no deserto (ainda neste capítulo detalharemos mais a experiência da vocação de

²⁹ Ibid, p. 69.

Paulo); estes grupos deveriam ter uma forma de vida monástica bem semelhante aos de Qumrã.

No princípio, Paulo começou a estrear a sua vocação apostólica pregando Jesus nas próprias sinagogas de Damasco. Mas, pouco depois, retirou-se para o deserto a fim de aí se preparar por meio da oração, e quem sabe se também não se uniu a algum grupo monástico judeu-cristão, procedente da “Seita da Aliança”, intimamente aparentada com o movimento “qumrâmico”.³⁰

A grande diferença que podemos notar entre a pregação e prática de Paulo e os grupos monásticos aparentados ao movimento qumrâmico é a disposição renovada, na vida do Apóstolo dos gentios, em sair por quase todos os caminhos do mundo de seu tempo, visitando grandes e pequenas cidades, entrando em contato com pessoas de todas as condições sociais e fazendo do cristianismo um caminho que vai ao encontro do povo e não ficando à espera de poucos que pudessem deixar sua vida cotidiana para se unir ao grupo como fazia o de Qumrã.

2.3. Os dois caminhos no Didaquê

Em um outro momento importante da literatura cristã, o ensinamento sobre o caminho da vida em contraposição ao caminho da morte, reaparece. Foi no final do primeiro século, quando foi formulado o “Didaquê”, também conhecido como o “catecismo dos primeiros cristãos”. Neste pequeno manual de regras e práticas podemos descobrir diversas ênfases na vida dos cristãos do primeiro século. O grande destaque é justamente o ensino referente aos “dois caminhos”, sendo este em diversos aspectos, semelhantes ao do movimento qumrâmico. Assim se inicia a Didaquê: “Há dois caminhos, um de vida e um de morte, mas é mui grande a

³⁰ Ruiz-González, José Maria. *O Evangelho de Paulo*. in: *Biblioteca de Estudos Bíblicos* – 9. São

diferença entre os dois caminhos”.³¹ Mais uma vez percebemos que, ao ser utilizada uma introdução, ao texto, relacionando o que se irá dizer com caminho, é sinal que a ênfase estará em aspectos da vida prática, isto é, da práxis, neste caso, dos cristãos. O caminho da vida, segundo a Didaquê é o de seguir corretamente a doutrina dos Apóstolos. Muitas vezes são citados trechos do sermão do monte e em algumas partes são mencionados alguns mandamentos que deveriam ser seguidos, tornando este texto aproximado de grupos de tradição judaico-cristã.

Não abandonarás os mandamentos do Senhor, mas guardarás o que recebeste, nada acrescentando nem tirando. Na congregação confessarás as tuas transgressões, e não te entregarás à oração em má consciência. Este é o caminho da vida(...)

*Mas o caminho da morte é este: acima de tudo, é mau e cheio de maldição: homicídios, adultérios, concupiscências, fornicações, roubos, idolatrias, magias, drogas maléficas, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, dobrez de coração, dolo, orgulho, malícia, avareza, linguagem torpe, inveja, atrevimento, altivez, jactância.*³²

A preocupação, que podemos perceber nas instruções acerca do caminho da vida, está relacionada com a vida de uma comunidade Cristã que, já naquela época, se reunia no sistema de congregações. A descrição do caminho da morte é semelhante a algumas das diversas instruções do Apóstolo Paulo em suas epístolas destinadas às comunidades cristãs, fazendo pois, neste aspecto, crescer as relações entre estas e a seita de Qumrã.

Paulo. Paulinas. 1980. p. 13.

³¹ SALVADOR, J. G.. *O Didaquê*. in: *Coleção Padres Apotólicos, vol. II*. São Paulo. JGECIMB. 1957. p. 64.

³² Idem, p. 69.

2.3. Paulo e o caminho da comunidade de Antioquia

Paulo foi um homem do caminho. E isto, tanto em sentido metafórico quanto no sentido geográfico. Sua experiência religiosa se deu “no caminho de Damasco”. Uma vez que seu trabalho era perseguir os Cristãos e ele queria fazer isto em qualquer parte do mundo romano, estava disposto a andar por quantos caminhos fossem precisos. Enquanto estava a caminho, perseguindo os que eram da “seita do Caminho”, isto é, os que não seguiam as diretrizes da liderança religiosa judaica daquela época, Paulo encontra-se com Aquele a quem perseguia. Recebeu o aviso de que em breve lhe seria dito o que ele haveria de fazer. O surpreso perseguidor dificilmente estaria pensando que o seu chamado seria para ir por grande parte do Império Romano falando de Jesus, o Salvador.

Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje.

Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres, homens e mulheres, de que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Dêstes recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos.

Ora, aconteceu que, indo de caminho e já perto de Damasco, quase ao meio-dia, repentinamente grande luz do céu brilhou ao redor de mim.

Então caí por terra, ouvindo uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

Perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que me respondeu: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues.

Os que estavam comigo viram a luz, sem contudo perceber o sentido da voz de quem falava comigo.

Então perguntei: Que farei, Senhor? E o Senhor me disse: Levanta-te, entra em Damasco, pois ali te dirão acêrca de tudo o que te é ordenado fazer. (At 22. 3-10)

Este texto bíblico é generoso em aspectos relacionados ao tema do

caminho na vida de Paulo. Não seria fácil parar a obstinada direção tomada pelo grande perseguidor; ele mesmo descreve sua experiência de mudança de rumo, como a aparição de uma grande luz do céu acompanhada de uma voz que se dirigia a ele. Certamente o novo Apóstolo, a princípio, não entenderia que seu chamado corresponderia a seguir andando por inúmeros caminhos, agora não mais como perseguidor, mas como anunciador da mensagem da salvação em Cristo e por esta mensagem sendo constante perseguido. Após o seu preparo no deserto da Arábia, Paulo fixa-se em Antioquia, onde “os do caminho” são, pela primeira vez, chamados de Cristãos. O que deveria significar aos olhos do povo que a pregação de Paulo exaltava algum novo líder político ou religioso.

Durante um ano inteiro Paulo recolheu uma messe tão abundante que o fato transcendeu o grande público, que começou a chamar os fiéis pelo nome de “cristãos”, tal como eram chamados “pompeanos” ou “cesarianos” os partidários de algum rival do Império³³.

Foi nesta cidade – Antioquia – que Paulo participa de sua primeira experiência de vida cristã em comunidade; este novo Cristão parece ter-se adaptado às formas litúrgicas e de prática dessa comunidade que apresentava uma forma de hierarquia diferente da comunidade de Jerusalém – onde estavam as chamadas “colunas da Igreja” alguns dos Apóstolos que andaram com Jesus, entre eles Pedro e João. Em Antioquia a liderança estava a cargo de carismáticos “profetas e mestres” e foi a partir deste “jeito de ser cristão”, diferente da ênfase dada pela comunidade de Corinto aos dons estáticos, que Paulo sentiu-se vocacionado e disposto para realizar seu ministério itinerante.

³³ Ruiz-González, J. M.. *O Evangelho de Paulo*. op. cit.. p. 14.

Havia na Igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes o tetrarca, e Saulo.

E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.

Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram (At 13.1-3).

Enquanto em Antioquia acontecia um movimento que levava aquela comunidade a sentir-se impulsionada a partir para outros lugares aonde o Evangelho ainda não havia sido anunciado, a comunidade de Jerusalém poderia ser definida como aquela que se sentiu responsável pela manutenção das bases do movimento de Jesus. Percebe-se isto pelo primeiro concílio que lá tomou lugar para discutir se os gentios convertidos, especialmente pela pregação daqueles que haviam saído de Antioquia, deveriam obedecer às leis judaicas especialmente quanto à prática da circuncisão.

Voltando de sua viagem, Paulo e Barnabé anunciaram à comunidade de Antioquia as maravilhas que Deus havia operado por meio deles, e como o Senhor tinha aberto aos gentios as portas da fé.

Isto incitou alguns que desceram da Judéia “e ensinavam aos irmãos: ‘se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos” (At 15.1). Os fariseus cristãos continuavam sem perdoar a Paulo sua “traição” à velha seita, integrando-se na ala esquerda do cristianismo. Lucas não dissimula em nada a realidade da tensão que produziu o choque entre o ex-fariseu de Tarso e os “fariseus cristãos”, que pensavam poder integrar e salvar a pura essência farisaica na síntese superior do cristianismo³⁴.

De um lado colocaram-se os judaizantes, apregoando que tinham o apoio das “colunas da Igreja de Jerusalém” e de outro, estavam os “missionários de Antioquia”, os que haviam deixado o seio da comunidade para tomar o caminho do

³⁴ Ruiz-González, José Maria. *O Evangelho de Paulo*. Op. Cit. p. 22.

povo, Paulo e Barnabé, os quais parece que haviam percebido que o caminho do Evangelho precisava de toda a liberdade quanto fosse possível, para que a porta da graça estivesse aberta para todos. A Igreja de Jerusalém pode ser considerada como um movimento de direita, de pregação de pureza institucional com aberta tendência à manutenção do mesmo espírito e prática religiosa do antigo judaísmo. A Igreja de Antioquia pode ser chamada de um grupo de esquerda, sua pregação é a de um evangelho para todo o povo, para eles as tradições e práticas culturais que provocam a exclusão de quem quer que seja, devem ser aniquiladas, em nome do Evangelho, que são boas novas de grande alegria, para todos, sem distinção de homens ou mulheres, de judeus ou gentios, de grandes ou pequenos, ricos ou pobres.

Uma leitura parcial das “atas conciliares” (Gálatas e Atos) poderia inclinar-nos a pensar que na tensão da primitiva Igreja um grupo (o da esquerda) tinha aniquilado completamente seu opositor da direita.

Mas a coisa possui muitos outros matizes.

Em primeiro lugar, em questão de princípios está claro que a vitória coube à ala esquerda, que defendia a igualdade entre judeus e pagãos diante do fato novo do Evangelho. A direita pretendia para os judeus uma espécie de primado na recepção e na distribuição dos dons evangélicos. Neste sentido, é preciso dizer que o imobilismo direitista foi o primeiro que condenou um concílio ecumênico da Igreja cristã³⁵.

Esta condição descrita como “imobilismo direitista” assumida pelos que são considerados os líderes maiores do cristianismo emergente, os quais não conseguem pensar em outro modelo de movimento religioso diferente do judaico, podem ser considerados os primeiros entraves à missão do cristianismo como comunidade em caminho, buscando o encontro e o contato com o povo.

³⁵ Idem, p. 25.

A verdade é que, já de início, estava lançada a semente para a constante disputa entre os que querem um cristianismo que sai para fora de si mesmo e caminha ao encontro dos que precisam ouvir a mensagem e os que buscam e trazem para o seu meio todas as pessoas do jeito que estas são, e os que temem os perigos e possíveis “contaminações” do caminho e preferem ser a “minoría dos puros”.

Com efeito, devido à autoridade de Pedro e de seus judeu-cristãos, os pagão-cristãos experimentavam um complexo de inferioridade e, pouco a pouco, iam-se apoiando na comunidade judeu-cristã, adaptando-se a seu modo judaico de praticar o cristianismo.

Havia, pois, um perigo de escândalo. O fato de verem Pedro voltar atrás em seus costumes era outro grande perigo. Se Pedro nunca tivesse deixado de viver “como judeu” e sempre se houvesse reunido exclusivamente com os judeu-cristãos, os pagão-cristãos não se sentiriam agora arrastados a seguir Pedro em sua caminhada de volta ao judaísmo³⁶.

A decisão entre o caminhar para ser mais uma religião de manutenção de um grupo de selecionados e o caminhar por caminhos deste mundo e encontrar-se com todos os que foram criados por Deus e chamados à salvação pelo Evangelho de Cristo eis a grande decisão a ser tomada pela Igreja em todos os séculos.

A Igreja foi fundada para uma missão e esta é a de levar o conhecimento do Evangelho até os confins da terra; porém, assim como a Igreja de Jerusalém, sempre houve cristãos que não conseguiram entender assim o caminho a ser trilhado pela Igreja. Mas, vemos que esta foi a compreensão da Igreja de Antioquia e de seu mais ilustre missionário, Paulo.

Eles, como cristãos, estavam em movimento,

³⁶ Ibid, p. 31.

*levando o Evangelho aos confins do tempo e do espaço, e declarando por todos os lugares – por todas as estradas e atalhos – o propósito de Deus, já revelado e agora manifesto, de reunir em Cristo todas as coisas, tanto no céu como na terra*³⁷.

Neste texto, o caminho é citado de forma literal, ao serem mencionados seus sinônimos: estradas e atalhos. É caminhando e saindo para fora de si mesma que a Igreja cumpriria sua missão. Estes cristãos primitivos não pensavam unicamente na edificação de templos; pelo contrário, o que importava era a maior mobilidade possível, para chegar-se o mais distante e ao maior número de pessoas quanto fosse possível. “O fato importante é que suas reuniões seguiam as realidades de sua vida secular, de modo tal que, à medida em que suas vidas eram levadas pelas correntes dos afazeres do mundo, sua fé as ia moldando”³⁸.

A Igreja primitiva era uma seita em relação ao judaísmo e ao sistema mundial dominado pelo Império Romano. Sua forma de expandir-se em um ambiente totalmente contrário à sua existência foi ser uma Igreja “do caminho”; sem locais fixos para se reunir, podia fugir das perseguições reunindo-se até em catacumbas. Somente após alguns séculos é que algumas mudanças radicais possibilitaram outras formas de ser Igreja.

2.4. A Igreja se estabelece no caminho do povo

A adoção da Igreja pelo Estado – a partir de Constantino em 323 d.C. até culminar com a oficialização do Cristianismo no Império Romano sob o Imperador Teodósio I (395 d.C.) – permitiu que novas formas de estabelecer-se fossem criadas. A Igreja passou a assumir responsabilidades quanto à manutenção

³⁷ Williams, Colin W.. *Igreja Onde Estás?*. São Bernardo do Campo. Imprensa Metodista. 1968. p. 19.

da ordem e da unidade do Império. “Agora, ‘igrejas’ foram construídas – mas a princípio não eram igrejas “locais”. Foram, antes, construídas nas encruzilhadas da vida normal; em cidades comerciais ou em lugares sede do governo³⁹.

De uma igreja “caminhante”, sem local definido para se estabelecer na terra, mas que caminhava pelos mesmos caminhos em que o povo seguia, a igreja cristã começou seu processo de institucionalização. Foi aceita pelo império Romano e começou a servir a seus interesses políticos e de manutenção da ordem.

Mas é importante lembrar que ao lado destas novas formas de estrutura eclesiástica que começaram a se desenvolver no novo mundo “amigo”, outra forma da vida da Igreja apareceu. Se agora era possível institucionalizar a Igreja em edifícios para expressar a responsabilidade direta da Igreja na cristianização do mundo visível da cultura, era também considerado necessário o estabelecimento de mosteiros⁴⁰.

A imagem que podemos criar deste momento histórico da caminhada da Igreja é a de alguém que saiu por trilhas e rudes estradas em busca do povo não importando se pobre ou rico, culto ou inculto e, de repente, por já haver alcançado a muitos, recebeu de “presente” uma bela casa em um aprazível local, sendo convidado para ali ficar e, assim, fugir dos perigos e incômodos do constante “estar no caminho”. Com esta institucionalização da Igreja, muitos projetos e atividades missionárias foram esquecidos; antes de qualquer decisão, deveriam ser consultados os interesses do poder político que garantia os crescentes privilégios.

A vivência da fé se relaxava com o aumento, já maciço, de conversões, com a diminuição da perseguição e dos martírios, e com o prestígio temporal do cristianismo. A memória do Cristo crucificado e seu seguimento radical

³⁸ Idem, p. 19.

³⁹ Ibid, p. 20.

⁴⁰ Ibid, p. 20.

*estavam em perigo*⁴¹.

Neste novo contexto, há alguns que não se conformam com esta nova maneira de ser Igreja estabelecida. A sensação que nos dá é que esta Igreja perdeu as suas motivações para ser do caminho, ela não está mais à procura de ninguém, as pessoas é que precisam valorizá-la e buscá-la, pois a instituição religiosa cristã assumiu uma posição de grande importância dentro do sistema político do Império.

2.5 . Buscando o caminho nos mosteiros

A ânsia, no mundo judaico, pela redescoberta do caminho perdido, como já observamos neste trabalho, havia motivado o surgimento de movimentos alternativos como o de Qumrã. No momento complexo da vida e história do cristianismo em que os princípios básicos estavam sendo profundamente alterados, começam a surgir o desejo da busca de reencontrar a caminhada primitiva. Alguns realizam uma peregrinação para o deserto onde fundam os mosteiros.

Em nossas decisões, sobretudo quando radicais, temos que estar sempre atentos às motivações. Estas são sempre complexas e múltiplas, e se entrecruzam as inspiradas no egoísmo com as inspiradas no altruísmo (...)

*Os mestres espirituais do deserto eram conscientes desta condição. O êxodo que empreendiam à solidão era radical e heróico; as razões imediatas que os levaram a ele eram variadas e influenciadas por elementos sociológicos e psicológicos, como costuma acontecer nas decisões cristãs: desilusão, fuga de um ambiente decadente, insatisfação pelas formas de vida prevalentes, crises pessoais... Contudo, através de todas estas mediações experimentáveis, todos tinham a convicção de responder a um chamado de Deus para seguir Jesus, a serviço dele e do próximo, e não de si mesmos*⁴².

⁴¹ Galilea, Segundo. *A Sabedoria do Deserto – Atualidade dos Padres do Deserto na Espiritualidade Contemporânea*. in: *A Oração dos Pobres*. São Paulo. Paulinas. 1986. p. 22.

⁴² Idem, p. 29.

Assim como alguns aceitavam a institucionalização da Igreja como o novo caminho determinado por Deus, um caminho não tão estreito como o da perseguição e dos martírios, outros, como os mestres espirituais do deserto, estavam entendendo a nova situação como um desvio do verdadeiro caminho. No deserto eles irão funcionar, através do seu modo de viver despojado dos interesses pelas honras terrenas, como um sinal de alerta para os que só conseguiam ver a existência e vitória do cristianismo aliados aos que detinham o poder político.

Esse chamado os leva ao deserto em atitude de busca de Deus, pois sabem que ainda não o encontraram, e sabem também que toda opção de vida é pôr-se em marcha para procurar uma maior plenitude humana, que é buscar a Deus. O deserto é o lugar da busca de Deus, como plenitude do homem.⁴³

Por trás, então, de todo movimento está a confissão de que se está insatisfeito com a acomodação dos que julgam já ter chegado ao fim do caminho. A resposta final de Deus para sua Igreja não poderia estar simplesmente na conquista do apoio oficial. Alguns buscam a resposta em uma vida interior satisfeita. Vemos que a questão do andar pelo caminho certo vai motivar os cristãos em todos os tempos para o início de movimentos de restauração e recuperação das veredas antigas e verdadeiras.

Essa procura não se faz às cegas, ao acaso, sem norte, sem orientação. A procura espiritual já está marcada pelo caminho, e se realiza percorrendo esse caminho, que é o caminho de Jesus. Os monges do deserto sabem para o que vão, e o que têm que fazer, essencialmente, para percorrer o caminho da procura de Jesus. O deserto é também uma estrada e um itinerário, que se tem de saber percorrer, e que se tem de aprender a percorrer. Nisso, o ensinamento e o exemplo dos que caminharam mais, é insubstituível. Ao ir para o deserto, esses cristãos ingressavam numa “escola” e o

⁴³ Ibid, p. 29.

*faziam com atitude de discípulos*⁴⁴.

É de certa forma comum entre os estudantes de Teologia ouvir-se dizer que nosso período de estudo é semelhante a estar em um deserto. Ao mesmo tempo em que sofremos, por estarmos longe de familiares queridos e de nossas Igrejas locais e deixamos trabalho e vida social em nossas cidades; estamos estudando e aprendendo para que voltemos ao “mundo” religioso e secular com o máximo de preparo possível. Mas, os mestres e estudantes do deserto, ainda não conheciam as possibilidades de criar-se os seminários e Faculdades de teologia nas vilas e grandes cidades de sua época, como centros de preservação das tradições e do correto caminho da Igreja Cristã.

Há algum tempo atrás ouvi em uma pregação uma ilustração sobre um monge que havia estado por muitos anos isolado em um mosteiro apenas estudando os princípios do verdadeiro cristianismo. Um dia este monge achou que deveria sair e colocar em prática seu aprendizado. Dirigiu-se até a capital do Império Romano e lá encontrou as ruas da grande cidade vazias. Começou a ouvir o ruído de uma grande multidão que estava em um estádio e ao entrar viu uma cena a qual ele não pôde permitir que continuasse: dois homens se degladiavam e um se preparava para matar o outro. No mesmo instante o monge, que não conhecia aquela costumeira diversão, correu para dentro da arena e começou a gritar para a multidão:

– “Vocês não estão vendo o que está acontecendo? Este homem vai matar o seu semelhante. Nós não podemos deixar que isto aconteça”.

⁴⁴ Ibid, p. 29,30.

Um dos gladiadores, ao ser interrompido em sua apresentação, investiu contra o inocente monge e o matou. Toda a multidão colocou-se de pé e um a um começaram a retirar-se do estádio, para nunca mais voltar. Assim, um caminho violento e equivocado de toda uma sociedade foi interrompido por alguém que havia sido formado à parte, em busca de um outro caminho, o caminho ensinado por Jesus.

2.6 . O caminho para as paróquias

Após este período de caminhos extremos, da dialética entre desertos/cidades e caminho do mundo/caminho de Jesus, como opções distintas para os cristãos, surgiu uma nova e mais equilibrada concepção para a organização do caminhar dos cristãos, o da igreja-paróquia.

O próximo estágio veio quando finalmente, na Idade Média, o mundo secular se estabeleceu naquela ordem relativamente estática de pequenas comunidades, onde toda a vida tinha como centro a igreja local, com o seu clero. Aqui finalmente aparece o mundo da paróquia e congregação local, com o seu clero. Aqui finalmente aparece o mundo da paróquia e congregação local, que nos é familiar, com seus edifícios centrais e clero local ordenado. Também isto foi resposta direta à mudança dos padrões de vida secular. Esta forma básica da vida da Igreja – a congregação local – já vem durando aproximadamente mil anos⁴⁵.

Como forma de organização e funcionamento da Igreja cristã, realmente não percebemos mudanças ou alternativas significativas para o sistema de congregações locais ou como se costumava dizer: as paróquias locais. Uma paróquia é tradicionalmente constituída de um pastor ou padre responsável e

⁴⁵ Williams, Colin W.. *Igreja, Onde Estás?* Op. Cit.. p. 21.

assalariado por um grupo mais ou menos estático de pessoas registradas como membros. Devido às relações de dependência criados por este sistema, as formas de manutenção deste grupo tomaram o lugar da ênfase à missão e evangelização. Dentre os poucos que foram capazes de propor uma alternativa para este sistema estático das paróquias está João Wesley, líder, junto a outros, do movimento chamado de Metodista, no seio da Igreja Anglicana.

CAPÍTULO III

O Metodismo: Movimento e Caminho

João Wesley propôs uma ampla localização para o ministério ao proclamar: “eu encaro todo o mundo como a minha paróquia”. Tal expressão, embora nascida em um contexto específico, teve tantos desdobramentos que impulsionaram Wesley e os metodistas a um estilo missionário e a alcançarem o povo onde este se encontrasse, fosse no templo, no campo, nas fábricas ou nas praças públicas.

3.1. “Eu encaro todo o mundo como a minha paróquia” – Um caminho para fora das quatro paredes

João Wesley havia fundado algumas sociedades religiosas entre as cidades de Oxford e Londres; com isto, alguns amigos que lideravam paróquias nestas áreas começaram a reclamar de sua intromissão. Na resposta a um de seus amigos, que sugerira o seu estabelecimento fixo em uma paróquia a fim de evitar a pregação em qualquer lugar, vila ou cidade (que o amigo considerava como invasão do espaço alheio), encontramos as memoráveis palavras de Wesley que iriam colocar o metodismo para fora de quatro paredes e no mundo, no caminho de todos.

Eu encaro todo o mundo como a minha paróquia; assim, quero dizer que, em qualquer parte dele em que eu estiver, creio ser adequado, certo, e meu dever sagrado declarar, a todos que queiram ouvir, as alegres novas da salvação (Letters, 25:616)⁴⁶.

Não creio que João Wesley pensasse estender o sentido destas palavras para além do que já mencionamos, nesta “simples” resposta a um amigo de ministério; porém, as perspectivas abertas por elas foram marcantes para muitas das definições do movimento e do caminho do metodismo em todo o mundo. Em outro momento, quando aconselhado pelo próprio Bispo de Bristol, Joseph Butler, a se fixar em uma paróquia, Wesley iria repetir esta que se tornou uma de suas mais famosas frases. Se naquela época, “encarar todo o mundo como sua paróquia”, demonstravam uma confrontação com o sistema fechado do ministério da pregação na Igreja Anglicana, o qual estava limitado ao ambiente da paróquia, com o tempo Wesley veio a utilizar tais afirmações para explicar seu novo ministério de pregação “ao ar livre”.

A pregação ao ar livre era literalmente chamada de pregação no campo, ainda que não acontecesse necessariamente nos campos. Qualquer lugar aberto era adequado, desde que o povo pudesse se reunir e o pregador pudesse ser ouvido. Desse modo, o evangelho poderia ser levado ao povo onde ele estivesse, às pessoas que não podiam ou não queriam ir a uma igreja nos horários marcados para os cultos. Wesley logo descobriu que cemitérios [ao lado dos templos] eram um bom lugar, com os túmulos servindo de plataforma e a igreja como uma cortina de fundo e um tipo de concha acústica. As praças do mercado eram anfiteatros ainda melhores, rodeados de prédios e geralmente com uma cruz, de cujos degraus Wesley podia ser visto e ouvido. Algumas árvores tinham tal forma que serviam para ampliar o som vindo de debaixo dos galhos, e escavações de minas eram, às vezes, quase feitas de propósito para acomodar um auditório⁴⁷.

Isto nos faz presenciar o surgimento de um novo modelo de Igreja,

⁴⁶ Heitzenrater, Richard P.. *Wesley e o Povo Chamado Metodista*. São B. Campo. Editeo. Rio de Janeiro. Pastoral Bennett. 1996. p.93.

mas que, na verdade, não deixa de ser a volta àquela igreja primitiva, que saiu pelos caminhos do mundo do primeiro século anunciando o Evangelho a todos os povos. Algo de muito importante aconteceu na história do caminhar da igreja a partir deste modelo apostólico de “missão no mundo” redescoberto por João Wesley. Descobrimos que Wesley, ao afirmar “encaro todo o mundo como a minha paróquia”, realizava um rompimento com um dos maiores princípios defendidos pela Reforma Protestante, pois contradizia às palavras do próprio Lutero.

O fato de que os apóstolos entraram em casas estranhas e pregaram, deu-se porque haviam recebido esta comissão e estavam designados para aquele propósito; chamados e enviados, a saber, para que pregassem em toda parte, como Cristo tinha dito, “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura”. Depois disto, entretanto, ninguém mais recebeu tal ordem apostólica, mas cada bispo ou pastor tem sua própria paróquia.⁴⁸

Wesley, ao contrário de Lutero, julgava necessário em seu tempo repetir a ênfase apostólica, pois entendia seu ministério como um constante caminhar, impelido pelo Espírito Santo, em busca de tornar conhecido a todo o mundo o testemunho do sentido da nova vida em Cristo.

Este ministério de Wesley era desenvolvido especialmente através da pregação do Evangelho. Tendo seu modo de pregar e seu entendimento das escrituras como base, Wesley recrutava, preparava e enviava pregadores, por toda a Grã Bretanha; esta era a sua primeira e básica visão do movimento Metodista, o qual era profundamente dependente do trabalho e desempenho destes pregadores.

Uma das primeiras questões (...) tinha embutida a visão de Wesley sobre a missão do metodismo: “Questão: o que podemos razoavelmente crer como sendo plano de Deus no surgimento de pregadores chamados metodistas?”

⁴⁷ Idem, p. 100.

⁴⁸ Williams, Colin W.. *Igreja Onde Estás?* Op. cit. p. 58.

*Resposta: para reformar a nação e, em particular, a Igreja; para espalhar a santidade bíblica sobre a terra.*⁴⁹

É importante relacionarmos a meta de Wesley, de fazer de todo o mundo a sua paróquia, com a convocação de pregadores leigos para espalharem a santidade bíblica sobre a terra. Estes pregadores se tornariam em seus auxiliares no cumprimento da missão por ele entendida como sendo a do metodismo. No entanto, por serem leigos, surgiam muitos mal entendidos, quanto às doutrinas metodistas, (especialmente sobre a perfeição), entre os primeiros pregadores a se engajarem no movimento metodista; ficava claro que eles precisavam de um controle quanto ao que deveriam pregar para que se mantivessem fiéis às ênfases consideradas metodistas. Para tanto, Wesley publicou os seus próprios *Sermões e suas Notas Sobre o Novo Testamento*, nos quais estavam contidos os princípios bíblicos entendidos por Wesley como capazes de conduzir o povo no caminho da santidade.

*João esperava que a publicação de seu comentário da Bíblia, Explanatory Notes Upon the New Testament (Notas explicativas sobre o Novo Testamento), forneceria auxílio doutrinário para seus pregadores. A primeira edição, em 1755, tinha sido preparada com mais pressa do que Wesley esperava. A segunda edição, no ano seguinte, foi essencialmente uma reimpressão, embora tivesse uma errata anexada. Em 1760, entretanto, ele e Carlos haviam iniciado uma revisão mais completa do trabalho, promovendo um aperfeiçoamento dos textos bíblicos e aumentando as notas. Eles terminaram essa nova edição em 1762 e, combinada com a coleção dos Sermons on Several Occasions (Sermões para diversas ocasiões) que João publicou (quatro volumes até 1760), forneciam uma base doutrinária como direção para os pregadores.*⁵⁰

3.2. Sermão de Wesley: O caminho do reino

Dentre os diversos sermões publicados por Wesley para orientação

⁴⁹ HEITZENRATER, Richard P.. *Wesley e o Povo Chamado Metodista*. S. B. Campo. Editeo & Rio de Janeiro. Pastoral Bennett. 1996. p. 214.

⁵⁰ Idem, p. 213.

dos pregadores metodistas, há um deles que especialmente nos interessa por abordar o tema caminho. O texto usado como base para este sermão é: “o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1.15). A princípio nos surpreende a interpretação de Wesley quanto ao sentido da expressão “o Reino de Deus está próximo”, pois para ele pode ser aplicado no sentido de que há um caminho a ser percorrido para chegar-se ao Reino de Deus.

Estas palavras mui naturalmente nos levam a considerar, primeiro, a natureza da verdadeira religião, aqui chamada por nosso Senhor – “o Reino de Deus”, que diz ele, “está próximo”; e, em segundo lugar, o caminho que conduz a esse Reino, caminho que o mesmo Senhor aponta por meio destas palavras: “arrependei-vos e crede no Evangelho.”⁵¹

É comum alguns erros de interpretação quando se menciona a existência de um caminho e como se deve construí-lo e trilhar por este. Alguns erros surgem por excesso de dificuldades que se pretende colocar, outros por uma idéia de que Deus se agrada de expressões de religiosidade e de piedade exteriores. Destes erros de interpretação é que Wesley tenta afastar os pregadores metodistas ao frisar, inicialmente, o que não é o caminho para o Reino. “Não se trata de qualquer coisa exterior, tais como ritos ou cerimônias, sejam embora da mais elevada simbolização”.⁵² O caminho é construído por uma série de passos que vão direcionando o ser humano ao Reino de Deus, este caminho pode até exigir a luta contra os críticos e os que não o compreendem.

Este arrependimento, esta fé, esta paz, este gozo, este amor; esta ascensão de glória em glória, - eis o que a sabedoria deste mundo condenou como loucura, mero fanatismo, completa alucinação. Mas tu, ó homem de Deus, não lhes preste atenção: não te deixes abalar por nenhuma crítica desse gênero! (...) Partindo do ponto a que chegaste,

⁵¹ WESLEY, João. *Sermões de Wesley*, in: *Sermões de Wesley*, volume I. São Paulo. Imprensa Metodista. 1953. p. 146.

⁵² Idem. p. 147.

prosegue até que alcances todas as grandes e preciosas promessas. (...)

*Entrega-te ao Cordeiro de Deus, com todos os teus pecados, quaisquer que eles sejam, e sem tardança ser-te-á proporcionada uma entrada no Reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo!*⁵³

A forma que Wesley encontra para descrever o caminho do Reino é a que ele encontra na leitura da Bíblia, e sua convicção é a de que a autoridade desta está acima de qualquer dúvida ou crítica. Porém, com o amadurecimento do movimento metodista, as profundas transformações que o universo religioso enfrentou com o passar dos anos e o constante desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade, nos fazem viver hoje em uma condição que não nos deixa fugir de uma análise crítica de nosso caminho. É desta forma que Ford, nos aconselha a que caminhemos:

Como cristãos, devemos olhar por onde vamos, para andar prudentemente. Não há motivo para vagarmos pela vida sem direção, sem alvo definido, mas devemos medir cada passo que damos. (...)

*Devemos andar, não como tolos e loucos, mas como sábios e judiciosos. A vida que não se submete a um exame e o caminho que não se submete a uma crítica são enganosos e indignos do cristão.*⁵⁴

Ao nos propormos a realizar uma leitura e observação crítica de nossa caminhada como Igreja Metodista, decidimos por fazê-los através da pesquisa na literatura e em alguns textos que surgiram dentro de nosso meio metodista brasileiro. Percebemos que, através destes, vamos encontrando diversos momentos em que o caminho da Igreja é discutido, analisado e questionado; da mesma forma em que ele vai sendo reafirmado ou alterado.

⁵³ Ibid, p. 157.

⁵⁴ FORD, Leighton. *A Igreja Viva*. Recife. Missão Presbiteriana no Brasil. 1974. p. 56.

3.3. O Caminho em algumas produções literárias da Igreja Metodista no Brasil

Nesta pesquisa e leitura crítica, não ousaremos definir “o caminho da Igreja”, mas creio que poderemos ajudar a perceber como este pode ser dinâmico, feito não só por um caminho de constante ida, mas também por voltas; são por vezes descaminhos, os quais podem ser refeitos, quando marcados pela contrição e o arrependimento. Este caminho vai sendo feito por pessoas, homens e mulheres de todas as idades, que se movem segundo interesses, emoções, paixões e convicções. Isto é o que encontraremos e analisaremos nos textos a seguir:

3.3.1. O Tema do Caminho em alguns textos da “Voz Missionária”

Em 1942 a “Voz Missionária”, órgão oficial da Igreja Metodista no Brasil destinado à comunicação entre todas as Sociedades de Mulheres do país, publicava um “programa para a semana de oração e sacrifício das Sociedades de Senhoras”. Constava deste programa contar a história e descrever o famoso quadro: “*O Caminho Largo e o Estreito*”. Qual pensamento estava presente em muitas das sociedades de senhoras da Igreja Metodista do Brasil para decidir que deveriam passar o período de sete dias contínuos se reunindo para estudar a história e a mensagem daquele quadro?

*Estudando a história do mui conhecido e famoso quadro: “O Caminho Largo e o Estreito”, teremos nele um espelho fiel que refletirá o estado de nossa alma, provando-nos e mostrando qual o caminho que estamos a seguir: se o largo, ou o estreito; o do bem, ou o do mal.*⁵⁵

⁵⁵ *Voz Missionária*. História do quadro “O Caminho Largo e o Estreito”. São Paulo, janeiro-fevereiro-março de 1942. p. 5,6.

Podemos perceber que, naquela época, ainda se mostravam bem presente em nosso meio metodista, as idéias dualistas da realidade, dividindo-a tenuamente entre o bem e o mal. A mensagem do quadro em questão ainda atraía a atenção dos que possuíam uma postura puritana e, ao que parece, achavam importante a constante análise do caminho que a vida religiosa seguia.

Outro fator importante para esta admiração, por parte das mulheres metodistas daquele tempo, bem pode ter sido o fato deste quadro ter sido composto na metade do século 19 por uma senhora alemã recém-convertida. Assim seria um momento para se ressaltar as qualidades artísticas e incentivar outras mulheres a desenvolverem formas criativas para comunicar as mensagens do Evangelho.

Carlota Reihlen (...) leitora assídua da Palavra de Deus, lendo no Evangelho de São Mateus 7.13-14 – “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição... porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida...”, impressionou-se fortemente e concebeu a idéia de um quadro representativo destes sublimes pensamentos. (...)

Foi lendo a Palavra de Deus e meditando nos seus ensinamentos que Carlota recebeu a inspiração criadora desse quadro que a tantos tem auxiliado no conhecimento da salvação. Aprendamos dela o hábito da leitura e da meditação da Palavra de Deus.⁵⁶

Neste quadro, vendido em todo o mundo, diversos textos bíblicos foram colocados ao longo dos dois caminhos e vão justificando cada cena. A própria autora cuidou de inserir, na primeira pintura, os textos bíblicos e sua explicação na parte debaixo do quadro.

São poucas as imagens do caminho estreito: a Igreja, a Escola Dominical, uma enfermaria e um orfanato. A autora do quadro era uma senhora tão profundamente preocupada com sua “vida espiritual” quanto com a condição dos pobres de seu tempo, havendo fundado um “Instituto de Diaconisas, agência da caridade e do amor

⁵⁶ Idem, p. 23.

*cristão, onde se confirmam as palavras de Jesus: estava nu e cobriste-me; estava enfermo e visitaste-me; estava no cárcere e vieste ver-me”.*⁵⁷

Portanto, este caminho é composto, quase que em igual número, de mensagens de vida cristã e santificação pessoal quanto de cuidado e interesse com os pobres. Assim é, por exemplo, explicada a cena que se passa junto ao prédio da escola Dominical:

*Jesus disse a seus discípulos: “Deixai os meninos que venham a mim e não os embaraceis.” (São Mateus 19.14). “E chegou o dia de sábado, começou a ensinar na sinagoga.” (São Marcos 6.2). Estas duas passagens acham-se representadas pelo edifício da Escola Dominical, onde se ensina a prática da caridade e da misericórdia para com o próximo, o que ainda se encontra ilustrado pelas três personagens que, à porta do edifício, dão de comer ao faminto e de beber ao sedento*⁵⁸.

Enquanto o caminho estreito foi descrito com poucas imagens e não muitos andavam por ele; o caminho largo está repleto de imagens: um teatro, um casino, e muitos caminham por ele. “Não faltam viajantes no Caminho Largo. Ele é belo e atrativo, Há esplêndidas construções, amenos jardins e numerosos centros de diversões, como o teatro que ali se vê procurado pela multidão”.⁵⁹

Aqui se pode perceber a razão porque, aos poucos, com um maior desenvolvimento sócio-cultural de nossa sociedade e conseqüentemente de nossas Igrejas, os pensamentos relativos ao modo como se definem os caminhos largo e estreito contidos neste quadro foram ficando desatualizados. Segundo esta visão cristã antiga, o progresso humano representaria sempre o mal caminho, enquanto as

⁵⁷ Ibid, p. 29.

⁵⁸ Ibid, p. 29.

⁵⁹ Ibid, p.26.

imagens bucólicas do campo e da natureza representariam o bom caminho. Hoje percebemos que em nosso meio se prefere designar o mal e largo caminho como sendo o das injustiças sociais e o da opressão aos pobres, e o bom e estreito caminho como sendo o da luta em favor da justiça em todos os seus sentidos, especialmente em favor do pobre.

No I Trimestre de 1997, portanto há pouco mais de um ano, a “Voz Missionária” publicou um artigo que mostra ter como clara intenção o de ser motivador de um caminhar mais ativo e produtor das mulheres metodistas e isto é feito de uma forma bem mais realista e encarnada em nossa realidade do que o que fora planejado através do estudo do quadro anteriormente citado. Sob o título: “100 anos de nascimento de Otília de O. Chaves – Itinerário de uma Vida”, são contados diversos trechos da história desta mulher que assumiu funções de liderança em diversas áreas da Igreja Metodista a nível nacional e internacional atuando, por exemplo, em 1961 como vice-presidente do Concílio Mundial de Igrejas Metodistas e em 1965 como presidente da Comissão Geral de Legislação de Reforma dos Cânones. A própria Otília Chaves se motivou a deixar, para os que observassem seu caminho e por caminhos semelhantes ousassem seguir, estas palavras com que encerra seu livro de memórias e que, segundo opinião das editoras da “Voz Missionária (com a qual concordo plenamente), demonstram o espírito de amor e serviço que norteou a sua vida:

:Que os pontos luzentes que, porventura, tenham ficado pelos caminhos por mim percorridos no testemunho do reino de Jesus Cristo, nosso Salvador, sirvam de alento para os fracos, de inspiração para os que buscam e certeza de fé para todos.⁶⁰

⁶⁰ Voz Missionária. “100 anos de nascimento de Otília de O. Chaves – Itinerário de uma Vida”. São Bernardo do Campo. n.º 4, ano 66, 1.º Trimestre de 1997. p. 9

Verificamos que o caminho da Igreja é marcado pelo caminho dos que nela vivem e se dedicam com fidelidade para o seu serviço, continuidade e expansão. Este caminho não é feito só pelas lideranças e pelos que instituem as legislações, mas também por cada um dos que para ela chegam, ficam por muito tempo ou apenas passam, mas deixam suas marcas e exemplos. Creio que nossas tradições não estão, nem jamais deverão estar, plenamente definidas. Cada um e cada uma que se ajuntam a esta comunidade aberta e receptiva, deverão conhecer a tradição deixada por todos que por ela já passaram, mas também deverão ter a importante oportunidade de acrescentarem o exemplo de suas vidas, enriquecendo assim nossa vida, prática e, posteriormente, nossa memória. Saber valorizar a todos os que caminham por nossas comunidades pode ser a atitude determinante para um caminhar mais justo e feliz de nossa comunidade missionária a serviço do povo, nossa Igreja Metodista.

3.3.2. O Tema do Caminho em alguns livros da Imprensa Metodista

Outra descrição literária antiga da imagem do caminho que iremos destacar, por dar ênfase à mensagem do caminho do Cristão, é a que está no livro publicado pela Imprensa Metodista intitulado: “O Peregrino”; sendo este o segundo livro cristão mais vendido sendo superado apenas pela Bíblia.

Este livro é uma expressão de fé que conquistou a atenção de muitas pessoas, pois procura dar uma resposta ao anseio humano de descobrir o caminho certo.

O Peregrino é conhecido como clássico, onde quer que se fale a língua inglesa(...). As crianças acham profundo encanto nas suas histórias de perigos e conflitos, de desespero e de vitória. Homens, tão ignorantes que mal sabem

*ler, ficam fascinados com a sua leitura. E homens instruídos, embora não simpatizem com o seu objetivo religioso, sentem o poder do seu gênio e são levados a admirar as suas belezas, as suas terríveis criações e sua alta compreensão da natureza humana. Os crentes novos, no início de carreira, o lêem para conforto e incentivo nas lutas; os veteranos da fé, que ainda permanecem para cá do rio, vêem nele, fielmente retratadas, as dores e as tribulações que já passaram”.*⁶¹

O tema do caminho, com seus perigos e desafios e com sua importância quanto ao fim ao qual vai chegar, certamente tem sido estudado, discutido, descrito em quadros e livros, e sempre procurado e apreciado; pois a vida do ser humano é, em si, um longo caminho. No entanto, percebemos uma clara evolução em relação ao modo como os cristãos antigos, especialmente os protestantes dos dois séculos seguintes à Reforma (Bunyan escreveu este livro em 1628, pouco mais de um século após a Reforma Protestante iniciada por Lutero em 1517), entendiam seu caminho como necessariamente dirigido para fora do mundo, como forma de agradar a Deus. Atualmente se percebe um novo sentido de caminho, agora direcionado para um enfrentamento e comprometimento com os problemas do mundo, no qual os cristãos são responsáveis pela sinalização que dá o rumo do Reino de Deus, apresentando-se como primícias em nossa história e cotidiano.

Em uma forma mais atual e crítica de se ver e enfrentar a realidade, a Imprensa Metodista, juntamente com a EDITEO, publicou o livreto: “Situações Missionárias na História do Metodismo”, no ano de 1991. A clara intenção dos artigos de diversos autores ali publicados era o de rever a caminhada da Igreja metodista e propor os rumos considerados mais acertados. Tendo em vista o perigo de perder o rumo em longas caminhadas como a da história da Igreja Metodista,

⁶¹ Bunyan, João. *O Peregrino*. São Paulo. Imprensa Metodista. 1992. p. 16.

parece-nos esta a forma mais natural e humana de realizar uma caminhada dentro de projetos que, ao passar dos anos, certamente merecerão revisões, alterações de direção ou a confissão de que embora o projeto, em sua maior parte, estivesse correto em sua execução alguns desvios aconteceram. Esta revisão deve ser feita tanto tendo em vista a análise do passado quanto tendo em vista a situação concreta e atual do mundo em que vivemos. Assim se reportou quanto ao caminho da Igreja o Bispo Paulo Ayres Mattos em sua análise sobre o avanço do metodismo no nordeste:

Resta-nos a certeza de que nova vida é sempre possível para aqueles que confiam na graça misericordiosa do nosso Deus. Por isso, estou certo de que o metodismo brasileiro está retomando com confiança a melhor trilha de sua caminhada. Tenho esperança nos muitos sinais de vida abundante que podem ser percebidos aqui, ali e acolá, na REMNE e nas demais Regiões Eclesiásticas.⁶²

Esta reflexão sobre os caminhos do passado, do presente e sobre os do futuro é uma expressão da própria situação de incoerência e imperfeição que todos nós seres humanos possuímos e, conseqüentemente, as instituições por nós criadas. Aqueles que não aceitam revisões de rumo se mostram endurecidos em uma condição que proporciona o crescimento dos erros, dos desvios e, com isto, da própria injustiça pessoal, e institucional.

⁶² MATTOS, P. A., e outros. *Situações Missionárias na História do Metodismo*, São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista & EDITEO, 1991, p. 46.

3.3.3. O Tema do Caminho em alguns artigos do Expositor Cristão

Os próximos textos que nos propomos a reler e analisar, dentro deste tema, encontram-se no periódico mais importante da Igreja Metodista no Brasil: o “Expositor Cristão”. Editado pelo Colégio Episcopal e distribuído por todos os cantos da nação, ele procura ser a “voz” sempre atual que reflete o pensamento de nossas lideranças eclesiásticas.

Na segunda quinzena de abril de 1978, foi publicada uma matéria que nos dá, ainda hoje, uma resposta profunda sobre nossos diversos questionamentos a respeito dos caminhos passados, presentes e futuros. Escrito de forma poética e utilizando-se de uma canção popular brasileira, este texto nos anima a um processo de acolhida frente aos diversos modos de pensamento sobre nossa caminhada. A análise gira em torno das diferenças entre os projetos dos jovens e dos mais experientes em todas as áreas, chegando por fim à análise da situação em nossa Igreja Metodista. Reproduzimos este texto sob o título “Ida ou Volta?”, quase que integralmente, por reconhecermos suas qualidades e sua coerência.

No espetáculo da cantora Elis Regina intitulado “Falso Brillhante” um dos números mais aplaudidos pelo público foi a música do jovem compositor Belchior, “Como nossos pais”.

Nela o artista faz um paralelo entre a nova e a velha geração. Entre o que ele vê na mocidade de hoje, Belchior chega a afirmar que “eles venceram e o sinal está fechado pra nós, que somos jovens”. Como artista de sensibilidade apurada o cantor declara que – ver gente jovem reunida “na parede da memória é o quadro que dói mais”.

A letra dá a “perceber que apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos, como nossos pais”.

No paralelo, Belchior conseguiu mostrar a presença da “gente jovem reunida, cabelo ao vento” e também dos velhos, ao dizer “nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam”.

É o novo e o velho juntos. A ida e a volta. A

nostalgia de quem não teve ainda um passado, aliada àqueles que não esperam muito do futuro. O jovem e o velho. A ida e a volta.

Na Igreja Metodista de uns tempos para cá estão surgindo reuniões com características especiais. Um pastor chegou a dizer que “há muita reunião informal em nosso meio”. Outro ainda disse ser a Igreja “um movimento”. Para muitos a história se repete. É a ida e a volta. (...)

Isto tudo vem comprovar que – não se pode prosseguir numa caminhada para o futuro sem olhar para o passado.

A Igreja Metodista tem um passado do qual se orgulha. Isto não pode ser esquecido. Por isto – as reuniões e reencontros.

Mas, a Igreja Metodista confia no futuro. Daí as reuniões que visam solidificar mais e mais o caminho a ser percorrido pela “gente jovem reunida”.

Tanto a ida como a volta são importantes. É o movimento. Jovens e velhos. Passado e presente. Experiência e expectativa.

O importante é que o movimento não cesse.⁶³

Quando refletimos no fato de que a Igreja é constituída por pessoas que pensam e decidem sua trajetória, sendo estas divididas, segundo este artigo, simplesmente entre jovens e idosas, será um exercício interessante para todos nós o decidirmos em qual grupo nos situar. Creio que podemos definir como jovem, aquele que vive mais animado pela expectativa do futuro e como idoso (a), aquele que vive mais tempo citando o seu passado, após estarmos convictos de que vivemos na expectativa dos jovens ou se já vivemos citando nossa experiência acumulada pelos anos, o importante será trilharmos o caminho como comunidade, em uma constante troca de experiências e expectativas, isto é, unindo o jovem ao mais experiente, o novo ao velho. Se Igreja é movimento ela é sempre caminhante. Os mais velhos não podem tirar a expectativa do jovem em fazer um novo caminho diferente dos pais. Os mais jovens não podem abrir mão do que já foi alcançado e aprendido pelos mais

⁶³ *Expositor Cristão*, Artigo “Ida ou Volta?”, São Paulo, 2^a quinzena de abril de 1978, p. 4.

velhos. Agindo assim, não haverá frustrações de nenhuma parte, haverá sim um corpo só, unido em um mesmo espírito e que caminha de cabeça erguida e pés firmados no chão em direção de sua meta, em sua missão de ser seguidora do caminho do amor e orientadora dos que ainda não descobriram o rumo para a justiça do Reino de Deus.

Em seu editorial de setembro de 1998, o Expositor Cristão chama toda a Igreja Metodista a refletir sobre suas principais ênfases históricas, sobre novas pessoas que se engajam no movimento metodista e especialmente sobre a atual ênfase dada ao Espírito Santo na condução do caminhar da Igreja.

O metodismo tem algumas ênfases que norteiam a sua caminhada histórica e que caracterizam sua vocação. Entre essas ênfases destacamos: santidade, solidariedade com os oprimidos, ação educacional, unidade com outros cristãos, ação missionária e abertura ao mover do Espírito Santo. O metodismo só será a Igreja levantada por Deus e só cumprirá sua vocação, se essas práticas estiverem sendo enfatizadas.⁶⁴

O editorial apresenta o caminho do metodismo demarcado por ênfases que já foram propostas desde sua vocação ou de seu chamado para ser Igreja e fazer-se presente na realidade humana de forma significativa, atuante e relevante. Vemos que a caminhada do povo metodista não é marcado somente por aspectos chamados pessoais, nem somente sociais e nem extraordinários, no sentido de coisas que vão além das possibilidades humanas naturais. Na verdade, o caminho do povo metodista deve apresentar todos estes aspectos muito bem conjugados o que, não de todo satisfatoriamente mas em parte, se faz sentir hoje na vida de nossas comunidades locais onde se ora e se estuda a Palavra de Deus com fé e respeito, onde também se estende a mão aos oprimidos e necessitados de muitas

maneiras. Nossa Igreja atua na área educacional através de suas Universidades, colégios e escolas paroquiais; e na área social possui trabalhos dignos de sua vocação, como a Comunidade Metodista do Povo de Rua, no centro da cidade de São Paulo e que recebe, ajuda e orienta a homens e mulheres que são moradores de rua.

Neste momento, em que a Igreja Metodista no Brasil vive o *Ano de Contrição e Chamado à Tolerância* (o qual foi instituído a partir do reconhecimento de seus erros e equívocos em seu caminho passado, especialmente relacionado ao ano de 1968, quando a Igreja Metodista viveu um momento de grande crise que culminou com o fechamento da Faculdade de Teologia), reconhecendo que às vezes não temos a percepção do caminho no presente, mas que esta capacidade pode vir no futuro, pois no momento presente em que as coisas acontecem podemos estar ofuscados em nossa compreensão, por causa da rapidez com que ocorrem, e não conseguimos ter uma visão maior de conjunto. Quando confessamos tal reconhecimento de pecado, de erro do alvo (como fazemos dominicalmente em nossos cultos) e pedimos perdão, crendo que Deus nos irá perdoar, temos convicção de que ele nos dará condições para reiniciarmos nossa caminhada e de forma renovada.

Quando algo nos motiva e novas esperanças de alegria surgem, então nos despertamos, nos levantamos e sentimos a nossa motivação para a caminhada aumentada. Como Igreja Metodista temos tido muitos alvos dignos alcançados e devemos prosseguir, com os pés no chão, com a cabeça erguida, com os olhos no horizonte buscando novas conquistas e com a mente voltada para o que já ouvimos, vimos e aprendemos em nossa caminhada até aqui, para fazermos do nosso

⁶⁴ *Expositor Cristão*, Editorial "Bem-vindo Espírito Santo", São Paulo, setembro de 1998, p. 2.

caminho como Comunidade Missionária a Serviço do Povo, um caminho feliz, para os que por ele caminham hoje e para todos os que vierem a transitar por ele no futuro.

3.4 – O Caminho Missionário Proposto para a Igreja Metodista no Brasil – O Plano para a Vida e Missão da Igreja.

Podemos considerar o Plano para a Vida e Missão da Igreja como sendo um dos mais importantes frutos da coragem das lideranças da Igreja Metodista em assumir a sua autonomia em relação à Igreja Americana e assim ter o direito de definir o seu caminho próprio. Assim é definida a origem deste importante Plano:

O “Plano Para a Vida e a Missão da Igreja” é continuação dos Planos Quadrienais de 1974 e 1978 e consequência direta da consulta nacional de 1981 sobre a Vida e a Missão da Igreja, principal evento da celebração de nosso 50º aniversário de Autonomia.⁶⁵

O equilíbrio entre as diferentes tendências e ênfases de ministérios dentro da Igreja Metodista em uma tentativa de traçar um caminho em que, se possível, todos possam caminhar unidos é a principal característica do Plano para a Vida e Missão da Igreja, no que foi muito satisfatoriamente complementado pela implementação do programa de dons e ministérios. É claramente perceptível o processo de amadurecimento dos setores da Igreja que colaboraram para o surgimento deste Plano, tê-lo e o ler como um testemunho que expressa, em seu conteúdo, os sinais deste amadurecimento, é talvez mais importante até do que o fato de sabermos se ele é tomado e lido como um livrinho de regras e normas a serem obedecidas.

⁶⁵ *Plano Para a Vida e a Missão da Igreja*, in: *Cânones da Igreja Metodista*, 1992. São Paulo. Imprensa Metodista. 1996. p. 61.

O texto expressa sua consciência de que os problemas e as crises vividos no passado, especialmente na década de sessenta, apesar de terem deixado muitas feridas que até hoje se tentam curar, proporcionou o alcance de uma maturidade que deve ser aplaudida, apesar do reconhecimento de que foi demorada.

A experiência do Colégio Episcopal e de vários segmentos da Igreja Metodista nestes últimos anos indica que o metodismo brasileiro está saindo da profunda crise de identidade que abalou nossa Igreja após a primeira metade da década dos sessenta. Estas experiências nos têm mostrado que a Igreja necessita de um plano geral, que inspire sua vida e programação, e que não será dentro do curto espaço de um quadriênio, que corrigiremos os antigos vícios que nos impedem caminhar.⁶⁶

A Igreja Metodista, através do seu maior órgão representativo, o Colégio Episcopal, reconhecia que não estava ocorrendo o avanço devido em sua vida e missão. O caminho não estava sendo percorrido por que a Igreja estava viciada, isto é, possuía “alguns defeitos graves que tornam uma pessoa ou coisa inadequada para certos fins ou funções”.⁶⁷

A Igreja viveu um momento de grande crise, que culminou com o fechamento da Faculdade de Teologia em 1968, sendo esta a Instituição responsável pela formação das lideranças clérigas do país. O retrato de confusão ali reinante naquele período era uma expressão desta crise de identidade da Igreja Metodista no Brasil. O período, especialmente da segunda metade da década de sessenta, foi de muitas mudanças, lutas e revoluções em praticamente todo o mundo. Eram mudanças políticas, tentativas de implantação de modelos socialistas de governo, movimentos

⁶⁶ Idem, p. 61.

⁶⁷ FERREIRA, Aurélio B. H.. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Verbete: Vício. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1993. p. 566.

estudantis que protestavam pelas ruas resistindo ao golpe militar de 1964; havia a guerra no Vietnã e lutas de guerrilheiros tentando implantar o comunismo em outras nações; eram mudanças sociais como os movimentos de jovens “hippies” e os liderados pelos grandes grupos de “rock” como os Beatles; na economia, existiam as dúvidas entre continuar com o modelo capitalista ou aderir ao socialista.

A Igreja reconheceu que seu caminho foi sendo interrompido, ficando ela à mercê dos movimentos externos que agitavam e conturbavam as mentes, especialmente dos mais jovens.

A partir deste reconhecimento sincero o texto traz demonstrações de confiança no fato de que a Igreja Metodista já discerniu sua missão e entendeu a vontade de Deus quanto às necessidades e oportunidades para a realização do trabalho. A Igreja foi chamada para ser indicadora do caminho, sinalizadora do Reino de Deus e não para seguir apenas sendo arrastada por todo vento de mudança doutrinária, religiosa, social, política ou econômica.

O retrato que vemos no Plano para a Vida e Missão da Igreja é o de uma Igreja que se tornou adulta, já compreende a si mesma e o porque de estar no mundo, assumindo este fato com confiança e coragem.

Nosso trabalho tem sua raiz e força na confiança de que Deus está conosco, vai à frente e é a garantia da concretização do Reino de Deus no presente e no porvir. Ainda que as forças do mal e da morte lutem para dominar o nosso mundo, nossa esperança reside naquele que as venceu, Jesus Cristo, que tornou real a ressurreição e a vida eterna. A vitória da vida já pode ser percebida na luta que travamos contra as forças da morte, pois já temos os primeiros frutos do Reino (primícias) que nos nutrem e nos levam a perseverar na caminhada orando “VENHA O TEU REINO” (Ex 3.7-15; Mt 28.20; Sl

2; Rm 8.37-39; Gl 5.5; Ef 4.4; I Co 15.55-58).⁶⁸

Este parágrafo nos fala da “esperança e vitória na missão de Deus”. Desta forma, fica expressa a necessidade da confiança que deve existir em todos (as) aqueles (as) que se propõem a realizar um serviço relevante neste mundo. A Igreja Metodista possui um chamado e o assume com determinação, por isto iniciou e agora prossegue em sua caminhada visando cumpri-lo de forma digna. O chamado é para o trabalho e participação no Reino de Deus, isto é, não fomos chamados somente para usufruir das possíveis mordomias deste reino, mas para sinalizá-lo a todos (as) que se encontram dominados (as) pelas forças da morte e do mal.

É a motivação pela vitória de Jesus Cristo que deve levar a Igreja a estar “no caminho” e assim estar nos caminhos dos povos deste mundo, com o fim de ser vista, conhecida, ouvida e tomada como possuidora de uma mensagem relevante para a solução dos conflitos, crises, injustiças e desajustes da sociedade humana.

⁶⁸ *Plano Para a Vida e Missão da Igreja*. in: *Cânones*, 1992. São Paulo. 1996. p. 74

CONCLUSÃO

Ao analisar a força do conceito *Caminho*, percebemos que ele foi usado pelos escritores bíblicos, por grupos e instituições religiosas e seus líderes, para indicar a responsabilidade que cada pessoa, grupo, ou instituição tem de sair de uma posição estática e ir ao encontro dos outros (as) e de suas carências e necessidades. Esta responsabilidade deve ser aceita por todos aqueles (as) que se propõem a seguir a Jesus Cristo e a obedecê-lo em sua vocação para o trabalho de sinalização do Reino de Deus. Sai a caminhar quem tem a consciência de que precisa ajudar a vencer as tristezas e frustrações comuns à vida de todos (as); se levanta e caminha quem entende que precisa lutar pela mudança de sistemas instituídos que promovem a morte e a injustiça. É preciso caminhar para fazer a vida acontecer, se realizar, e se mostrar presente para todos (as) que tenham perdido, por qualquer razão imposta a eles (as), a motivação para viver.

Como em um caminho pelo qual andamos a primeira vez, este trabalho foi nos surpreendendo a cada leitura e pesquisa. Não temos a pretensão de dizer que conseguimos esgotar o assunto, mas cremos que muitas possibilidades se abriram para novas pesquisas, para estudos sobre este e outros conceitos que

assumem um valor surpreendente quando os estudamos não somente em seu sentido restrito original mas também em seu sentido metafórico.

Graças à oportunidade que tivemos de realizar este trabalho pudemos descobrir, dentre outras coisas importantes, que um dos maiores sinais de unidade é o de se caminhar juntos. Um novo povo e, a seguir, uma nova nação, Israel, surgiram porque foram capazes de se motivar para saírem de uma situação de escravidão e caminharem lutando pela liberdade.

Quando este povo sentiu as dificuldades decorrentes da existência normal de diversas tendências e opiniões distintas criou um código de leis merecendo este o respeitoso título de “caminho de Deus”.

Ocorrendo invasões em sua terra, o povo sofreu diferentes influências, mas manteve o desejo de caminhar unido; assim, dentre este povo, surgem alguns que afirmam ser Mestres que irão mostrar “o Caminho da vida” e guiar o povo à verdade. Neste meio, os Cristãos são conhecidos como “os do caminho”; um de seus primeiros líderes sai pelo mundo de sua época convencendo multidões de que ele conhecia o verdadeiro caminho de Deus.

A Igreja Cristã é aceita como um bom caminho, inclusive pelo Imperador Romano e, com isto, ela é institucionalizada, se fixa em prédios e paróquias e espera que o povo venha até ela para ser orientado acerca do caminho reto.

João Wesley foi um que rompeu com um sistema fixo de ser Igreja; atuou para que ela caminhasse por todo o mundo, fazendo de cada rua, praça, campo – ou qualquer lugar onde haja pessoas para ouvirem a mensagem do

Evangelho – sua paróquia.

O movimento metodista chega ao Brasil e aqui ele se encontra a caminho. Às vezes avança, às vezes revê sua caminhada, recorda de suas ênfases e propõe um plano que testemunha seu amadurecimento renovando a esperança de realizar uma caminhada de passos firmes, confiantes e relevantes para o povo em nosso solo pátrio.

Caminha quem está alegre! Conta-se que Caetano Veloso saía de um estádio de futebol e caminhava pelas ruas de São Paulo, após assistir a uma vitória de seu time, quando lhe veio a inspiração para compor uma de suas mais consagradas canções: “Alegria, Alegria”.

*Caminhando contra o vento,
sem lenço sem documento,
no sol de quase dezembro, eu vou...
Eu vou, por que não? Por que não?*

Caminhar é uma possibilidade maior para quem quer extravasar a alegria. Creio que podemos unir, ao descrever esta canção na conclusão deste trabalho, certas palavras que, normalmente, não encontraríamos juntas mas que aqui se completam e produzem a força de sua mensagem: caminhar, alegria e liberdade.

Caminhar (contra o vento); com liberdade (sem lenço e sem documento); e com alegria (como diz o próprio título da canção): quem não se empolgaria com a possibilidade de viver um momento como este? Alguém nos chama e nos traz uma notícia que é alegre para nós e, mais do que isso, será motivo de alegria para todos os nossos vizinhos, amigos, companheiros e para todo

um povo que vive há algum tempo desanimado e sem esperança.

O sair para fora e caminhar, chamando o povo e transmitindo a razão de nossa alegria é o modo que se encontra para expressar estes agradáveis sentimentos. Através deste caminhar, sentimos que se está desafiando todas as forças contrárias à liberdade, à alegria e, enfim, à própria vida do povo.

Não obstante, o verdadeiro caminhar festivo que se espera é o da redenção dos pecados que levam à morte, à pobreza e à exclusão dos meios de graça e vida. Para este caminhar festivo do povo a Igreja cristã pode contribuir decisivamente através do cumprimento da missão, de acordo com o caminho a ela designada por aquele que a chamou e a vocacionou. A Igreja precisa ser esta que sai por todos os caminhos deste mundo, anunciando uma mensagem de alegria e de vida aos que estão caídos, parados, sem forças para andar, lutar e vencer as forças que produzem a opressão.

Vamos juntos caminhar para que o povo brasileiro possa nos ver e ouvir nossa mensagem do Reino de Deus que é de paz, alegria e justiça para todos (as)? Por que não?

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. São Paulo. Paulinas. 1991.

BARBAGLIO, Giuseppe. *1 – 2 Coríntios*, in: *Pequeno Comentário Bíblico – NT*. São Paulo. Paulinas. 1993.

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo. PAULUS. 1985.

BOTTERWICK, G. J. & RINGGREN, H.. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume II*. Cambridge, U. K.. William B. Eerdmans Publishing Company. 1983.

BUNYAN, João. *O Peregrino – A Viagem do Cristão à Cidade celestial*. São Paulo. Imprensa Metodista. 1992.

Plano para a Vida e Missão da Igreja. in: “*Cânones da Igreja Metodista 1992*”. São Paulo. Exodus Editora. 1996.

COOK, Guilherme. *Evangelização é Comunicação*. Belo Horizonte. Editora Betânia. 1980.

CROATTO, J. S.. *Êxodo – Uma Hermenêutica da Liberdade*. São Paulo. Paulinas. 1981.

- _____. "O Propósito Querigmático da Redação do Pentateuco", in: *Ribla* Nº 23. Petrópolis. Editora Vozes & São Leopoldo. Sinodal. 1996.
- Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Volume V. Rio de Janeiro. Bloch Editores. 1972. p. 1263.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*. São Paulo. Martins Fontes. 1996.
- ERDMAN, Charles R.. *Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios*. São Paulo. Casa Editora Presbiteriana. 1956.
- Expositor Cristão*. Artigo: "Ida ou Volta?". São Paulo. 2ª Quinzena de Abril de 1978. p. 4.
- _____. Editorial: "Bem-vindo, Espírito Santo". São Paulo. Setembro de 1998. p. 2.
- FORD, Leighton. *A Igreja Viva*. Recife. Missão Presbiteriana no Brasil. 1974.
- FROMM, Erich. *O Espírito de Liberdade*. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1966.
- GALILEA, Segundo. "A Sabedoria do Deserto – Atualidade dos Padres do Deserto na Espiritualidade Contemporânea". In: *A Oração dos Pobres*. São Paulo. Paulinas. 1986.
- GONZÁLEZ-RUIZ, José Maria. "O Evangelho de Paulo". In: *Biblioteca de Estudos Bíblicos*. Volume 9. São Paulo. Paulinas. 1980.
- GORGULHO, G. & ANDERSON, A. F.. *A Justiça dos Pobres – Mateus*. São Paulo. Paulinas. 1981.
- HAMMAN, A. G.. *Os Salmos com Santo Agostinho*. São Paulo. Loyola. 1992.
- HEITZENRATER, Richard P.. *Wesley e o Povo Chamado Metodista*. São Bernardo

- do Campo. Editeo. Rio de Janeiro. Pastoral Bennett. 1996.
- KEE, H. C.. “As Origens Cristãs em Perspectiva Sociológica”. In : *Bíblia e Sociologia*. São Paulo. Paulus.
- KIRST, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Leopoldo. Editora Sinodal. 1985.
- LANCELOTTI, Angelo. *Comentário ao Evangelho de São Mateus*. Petrópolis. Editora Vozes. 1985.
- LÉON-DUFOUR, Xavier., (editor). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis. Editora Vozes. 1972.
- LYONNET, Stanislas. *A Caridade Plenitude da Lei*. São Paulo. Edições Loyola. 1974.
- MACCISE, Camilo. “Deus Presente na História”. In: *Espiritualidade no Conflito*. Volume 3. Caxias do Sul. Paulinas. 1986.
- MATTOS, P. A., e outros. *Situações Missionárias na História do Metodismo*. São Bernardo do Campo. Imprensa Metodista & EDITEO. 1991.
- MEEKS, Wayne A.. “O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos”, In : *Bíblia e Sociologia*. São Paulo. Paulus. 1996.
- _____. *Os Primeiros Cristãos Urbanos – O Mundo Social do Apóstolo Paulo*, in : *Bíblia e Sociologia*. São Paulo. Paulus.
- Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 1993.
- REILY, Duncan Alexander. *A História da Igreja*, in: *Em Marcha*. São Paulo. Imprensa Metodista. 1993.
- RUIZ-GONZÁLEZ, José Maria. *O Evangelho de Paulo*, in: *Biblioteca de Estudos*

- Bíblicos 9*. São Paulo. Paulinas. 1980.
- SALVADOR, José Gonçalves, (editor). *O Didaquê ou o Ensino dos Doze Apóstolos*, in: *Coleção Padres Apostólicos*, volume II. São Paulo. JGECIMB. 1957.
- SANTA ANA, Julio. "Igreja e Seita: Reflexões Sobre esse Antigo Debate", in: *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo. nº 8, ano VI, outubro de 1992.
- SCHOKEL, L. A. & CARNITI, C.. *Salmos I (Salmos 1 – 72)*. in: *Coleção Grande Comentário Bíblico*. São Paulo. Paulus. 1996.
- STANLEY, David Michael. *Evangelho de Mateus*. São Paulo. Paulinas. 1975.
- Voz Missionária*. Artigo: História do quadro "O Caminho Largo e o Estreito". São Paulo, janeiro-fevereiro-março de 1942. p. 5, 6.
- _____. Artigo: "100 anos de Nascimento de Otília de O. Chaves – Itinerário de uma Vida". São Bernardo do Campo. nº 4, ano 66, 1º Trimestre de 1997. p. 9.
- WESLEY, João. *O Caminho do Reino*, in: *Sermões de Wesley*, volume 1. São Paulo. Imprensa Metodista. 1953.
- WILLIAMS, Colin W.. *Igreja, Onde Estás ?*. São Bernardo do Campo. Imprensa Metodista. 1968.